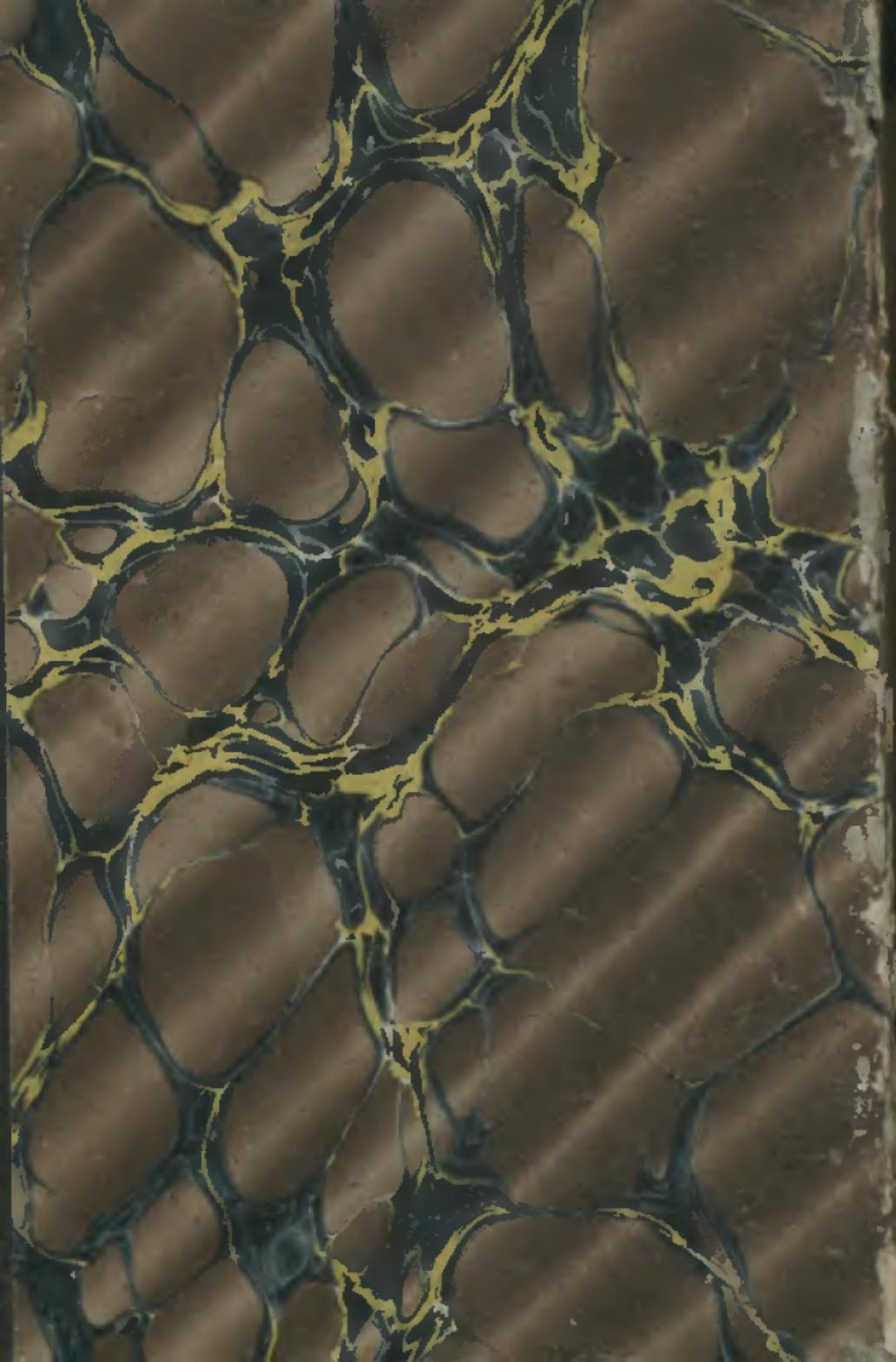
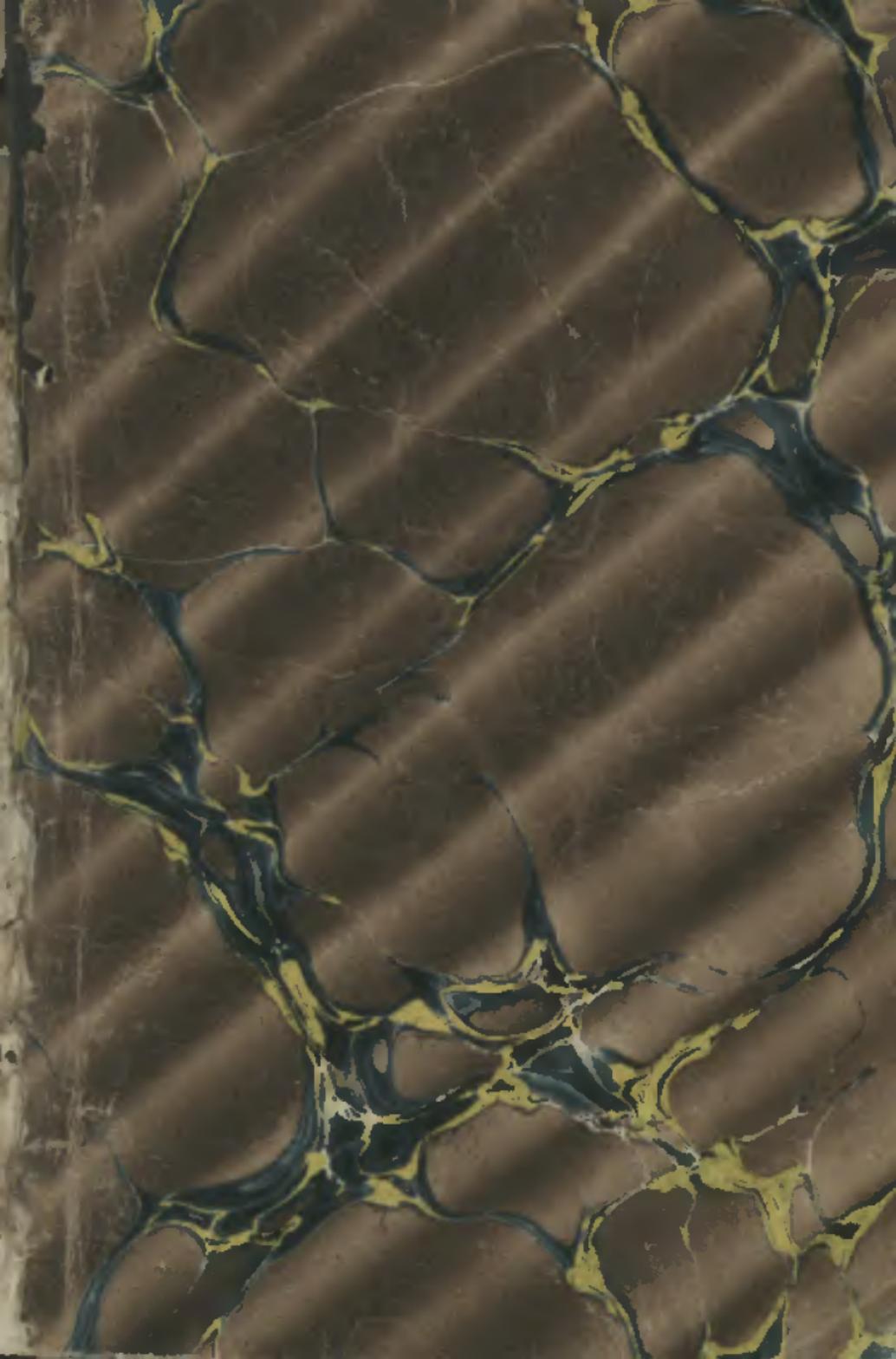
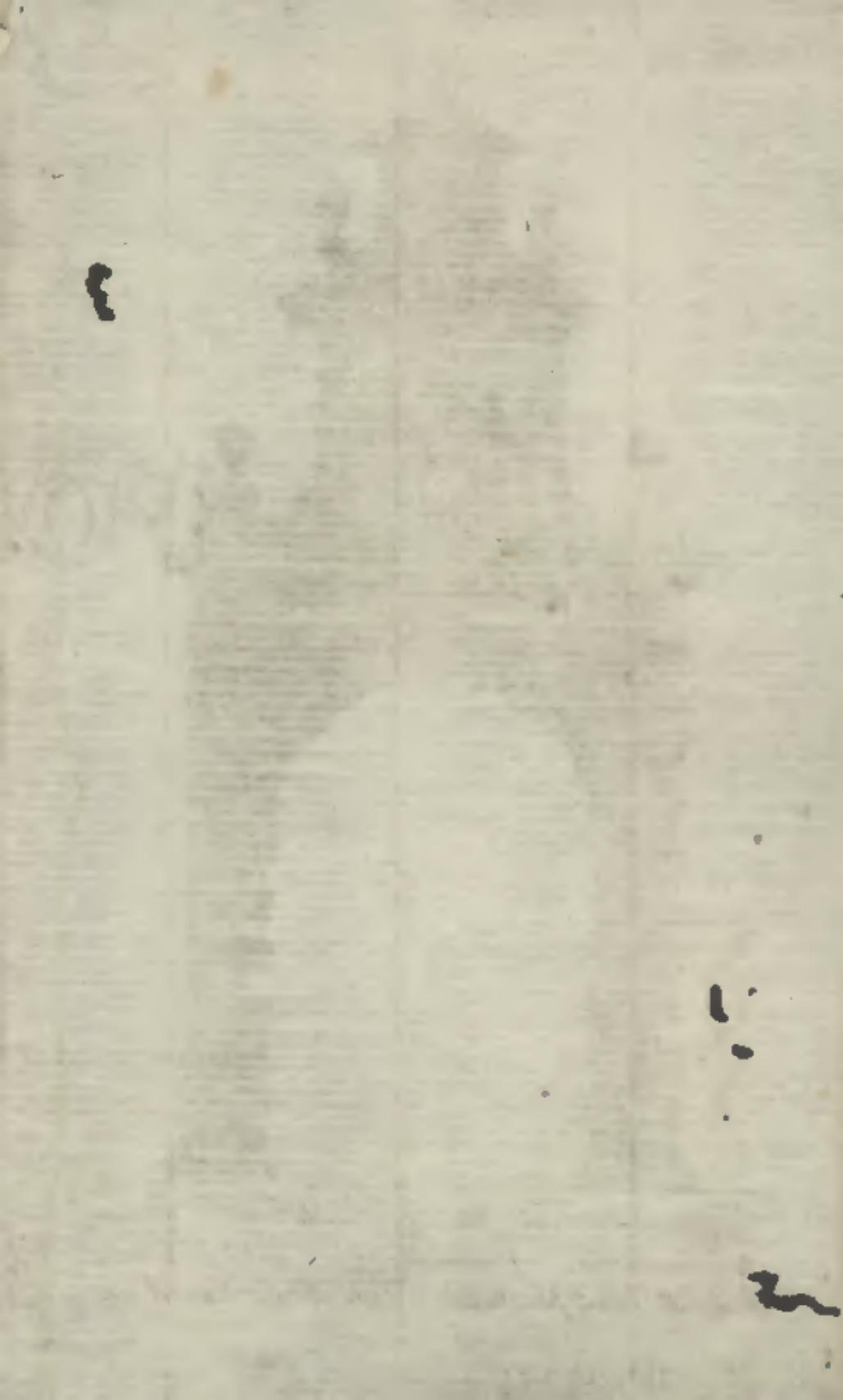


29





Handwritten signature in red ink, possibly reading "W. S. 1872".



OBRAS INEDITAS
DE
DIOGO DE COUTO,

CHRONISTA DA INDIA,
E GUARDA MOR DA TORRE DO TOMBO.

OFFERECIDAS

A O

ILLUSTRISSIMO SENHOR
DOMINGOS MONTEIRO
DE ALBUQUERQUE,
E AMARAL

POR
ANTONIO LOURENÇO CAMINHA,

PROFESSOR REGIO DE RHETORICA, E
POETICA, E CAVALLEIRO DA REAL
ORDEM DE SANT-IAGO.



L I S B O A,
NA IMPRESSÃO IMPERIAL E REAL.

A N N O M. DCCC VIII.

OBRAZ INEDITAS
DE
DIEGO DE COUTO,

CRONISTA DA INDIA,
E GUARDA-MOR NA TORRE DO TOMBO.

OFFERECIDAS

A O

ILUSTRISSIMO SENHOR
DOMINGOS MONTEIRO
DE ALBUQUERQUE,
E AMARAL.

POR

ANTONIO LOURECO GARRAHA,
PROFESSOR REGIO DA RITORICA, E
POETA, E CAVALHEIRO DA REAL
ORDEN DE SANTIAGO.



L I B R O A

NA IMPRESSAO DE J. M. N. N.

A N O M D C C C V I I I

- ILLUSTRÍSSIMO SENHOR.

A Tito Pomponio Attico consagrou Cícero o seu Tratado Lelio, só afim de que na posteridade em alçado e eterno monumento se perpetuasse a amizade que ternamente consagrava a este grande Heroe.

Igual trilho seguindo ao que pisou o Príncipe da Eloquencia Romana, glorioso consagro a Vossa Senhoria a producção deste Genio Portuguez, já por effeito da amizade que justamente mereço a Vossa Senhoria, já por conhecer (e comigo toda a Republica das Letras) que em Vossa Senhoria habitão todos aquelles dores, de que forão ornados, e ataviados os espiritos dos Augustos, e dos Mecenas.

A todos he notoria a ardua, e incançavel applicação que Vossa Senhoria tem feito na Lingua Portugueza; que forão os Sousas, os Barros,

os Lucenas, e outros (fontes perennes da pureza da nossa Lingua) onde Vossa Senhoria a largos sorvos bebeo quanto ha nelles de puro, de eloquente, e de energico. Que os Escriptos de Vossa Senhoria só parecem filhos da simplicidade do Seculo dos Teives, e dos Rezendes.

A frase nobre e substancial, o estilo conciso e puro, que nelles se divisa, confirmão o que allego. A elevação de pensamentos, a nobreza das imagens, a variedade de rodeios, a vehemencia e energia, com que Vossa Senhoria escreve, confesso ser mais para admiração, que para imitação. Que valente Dialectica, que abundancia de luzes, e finalmente, que conhecimentos profundos do coração do homem!

A sabia e magistral pintura, que o grande Bispo de França faz de Demosthenes á vista de Eschines, he a que eu faço da sólida Eloquencia de Vossa Senhoria a par da afeminada e pueril locução de muitos, que

sabendo algumas regras da Arté, ainda lhes falta hum conhecimento perfeito da Eloquencia sólida. Já isto obrigou a dizer a Cicero, *que muitos sabios se achavão; eloquentes, raros*: Vossa Senhoria porém fornecendo dos nobres principios dos Quintilianos, dos Aristoteles, e de outros, assim maneja os preceitos desta divina Arte, que transporta o coração humano, já com a escolha dos vocabulos, já com a solidez dos argumentos. He Demóthenes, louvando; he Cicero, provando. Cheio de huma Hermeneutica nobre, sabe abrir mão do que não pôde dar magestade ao que escreve, e só se serve do que pôde fazer fecundo e eloquentes o seu Discurso.

Sublime Dom do Ceo (1) divina Poesia (2) tu agora he que me has de ministrar as tintas, e pinceis para exalçar o celeste fogo, que soubeste acender no illustre peito des-

(1) Platão,

(2) e outros.

te teu Alumno ! He a ti , a quem compete louvar seus Versos , seus canoros e sublimes Versos.

Que Epopeas , que Poemas famosos existem entre os Mortaes , que Vossa Senhoria não tenha lido , não tenha analyzado ! Conhece serem ellas os thesouros , onde a alma se enriquece das nobres imagens , dos quadros vivos e energicos , que surprehendem , e arrebatão o coração mais emperrado ; sabe que com ellas se encantárão os maiores homens do mundo , os Monarcas mais respeitaveis , e que os mesmos Luminares da Igreja Santa , assim Grega , como Latina , os lião , e relião de dia , e de noite.

Existindo pois em Vossa Senhoria tantos conhecimentos scientificos , tão profunda erudição , parece que se faria huma injustiça ao merecimento e á verdade , se eu procurasse outro algum Mecenas para este trabalho litterario , que não fosse Vossa Senhoria , Ministro sabio , e

in.

inteiro, perfeito modelo da honra,
da probidade, e finalmente do des-
interesse. Assim o conhece, e as-
sim o publicará sempre o mais hu-
milde, e reverente obsequiador

De Vossa Senhoria

Antonio Lourenço Caminha.

DISCURSO

DO

EDITOR.

O Justo apreço que todo o Mundo Literario tem feito das Obras de Diogo de Couto, a fama immortal, que este grande Portuguez espalhou pelos mais remotos âmbitos da terra, tinhão-nos posto na situação de dispensarmos este breve Discurso, pois he bem desnecessaria a contestação de qualquer facto, segundo diz Quintiliano, quando este he notorio, e ha delle provas tão irrefragaveis, e claras, como a luz do dia; porém porque nem todos saberão a estima e apreço, que já nos tempos antigos fez esta Nação com especialidade dos

dos Escriptos deste grande homem, diremos o seguinte.

Logo que Philippe Prudente foi jurado Principe desta Monarquia, diz Barbosa: hum dos mais nobres pensamentos, que teve Diogo de Couto, foi o proseguimento da Historia da India, desde o tempo em que a deixou escripta o Livio Portuguez João de Barros. Era tão grande a fama do talento de Diogo de Couto, que assistindo tão distante de ElRei, o julgou digno de empreza tão illustre, a qual lhe commetteo com o titulo de Chronista mór do Estado da India. Aceitou promptamente esta laboriosa incumbencia, a que deo principio pela decima Decada, em obsequio do mesmo Principe ser jurado naquelle Estado, em o dia em que começava aquella Obra, que concluiu com o Governo de Mancel de Sousa. Agradeceo este Principe com par-

ticulares honras o fructo primeiro da sua applicação , e lhe insinuou por carta , que voltando com a narração da Historia , onde ficára interrompida por morte de João de Barros , a continuasse com o estilo , e exactidão com que composera a decima Decada ; o que promptamente executou , escrevendo a quarta , quinta , sexta , setima , undecima , e duodecima (1). A oitava , e nona , que acabára no anno de 1614 , ao tempo que as mandava para o Reino , enfermou tão gravemente , que estava deplorado , por cuja causa desaparecerão ; porém restabelecido que foi , das especies que conservava na memoria , que era felicissima , reduzio a hum volume o que tinha escripto em dois , os successos mais dignos de memoria acontecidos naquell-

(1) Isto mesmo se confirma com as palavras da carta que se ajunta a esta obra , monumento eterno da identidade destas Decadas.

quelle tempo : isto mesmo diz Severim na sua vida, que ajuntamos. O estilo que observou nesta grande Obra, como nas que imprimimos de novo, ainda que sincero, he muito judicioso, censurando com liberdade as acções reprehensivéis, e referindo com summa verdade, e exacta Geografia os costumes daquelles Povos, e a situação das Terras, como quem aprendeo mais com os olhos, que com os livros. As cartas que ajuntamos á oração de D. Vasco da Gama, foi avaliada de commum acordo pelo respeitavel corpo dos Senhores Socios da Real Academia das Sciencias, e pelo juizo do Senhor Padre Joaquim de Foios, bem conhecido neste Reino pela sua abalisada Literatura, como por hum monumento maravilhoso, e de hum valor infinito, para se incorporar nas Decadas; pois não só he admiravel na lingoagem, como huma prova evidentissima da identidade destas obras, e de serem do mesmo nos-

so Chronista, pelo exacto reconhecimento, que se fez da sua Letra.

No Catalogo das Obras, que Diogo Barbosa Machado traz no fim da vida deste grande Portuguez, se menciona esta Oração que damos ao Público; porém sem dúvida, poucos a terão visto. Devemos a sua posse ao cuidado do Senhor Balthazar Pinto de Miranda, Contador que foi do Erario Regio, cujos Manuscriptos comprámos, quando se pôz em venda pública a sua Bibliotheca, da qual tambem viemos a possuir muitas raridades da nossa Historia, de que era assás enriquecida. Esperamos que o Publico agradeça o nosso zelo, e Patriotismo.

V I D A

D E

D. VASCO DA GAMA.

Nasceu D. Vasco da Gama em a marítima Villa de Sines, situada na Província Transtagana, podendo competir com as mais famosas Cidades do Mundo, por ter dado o berço a tão illustre Heroe. Forão seus Progenitores Estevão da Gama, Alcaidê Mór de Sines, e Sylves. Commendador do Seixal, Vedor do Principe D. Affonso, filho de ElRey D. João Segundo, Senhor das Saboarias de Estremoz, Souzel, e Fronteira, e Dona Izabel Sodré, filha de João Rezende, Provedor das Vallas, e de Dona Maria Sodré, filha de Fradique Sodré, dos quaes sendo descendente pela natureza, foi seu ascendente pela gloria que

que lhe adquirio. Desde os primeiros annos foi ornado de genio heroico para emprehender acções arduas, e difficultosas, em que já levava o applauso de as intentar, por não ter tempo para as conseguir. Com a idade foi crescendo este generoso ardor, até que chegou o feliz complemento de que o manifestasse com assombro, e inveja de todas as Nações, que se jactão de formidaveis e bellicosas. Meditando o Augustissimo Rey D. Manoel com madura reflexão o modo com que dilataria o seu Imperio pelas Regiões Orientaes, como estivesse informado dos dotes que ornavão a tão insigne Vassallo, lhe commetteo a empreza de descobrir o berço do Sol. Não causou horror ao impavido coração de Vasco da Gama esta Ordem do seu Soberano, antes como quem se lisongeava dos perigos, lhe agradecco a eleição, com que queria illustrar o seu nome. Sahio do Porto de Lisboa a 8. de Julho de

1497, acompanhado de seu Irmão, Paulo da Gama, e Nicoláo Coelho, em tres Navios guarnecidos de cento, e secenta homens, a emprender huma jornada, que do Occaso até ao Oriente se estendia em mais de tres mil legoas, surcando mares nunca cortados de outras Quilhas, tolerando a inclemencia de novos Climas, e triumphando de Nações barbaras, tão diferentes nas linguas, como nos costumes, cuja assombrosa façanha, em que se admirarão unidas, inalteravel constancia, e resolução estupenda, dissipou toda a gloria dos famosos Argonautas Ulysses, e Jasão, celebrada com tantos elogios da Eloquencia Grega, e Romana. Descuberta a Ilha de Santa Helena, dobrou a 20 de Novembro aquelle tromentoso Cabo, que o divino Camões descreveo na formidavel figura de Adamastor, sendo hum dos mais elegantés episodios do seu inimitavel Poema. Avisada a Costa da Ethiopia Oriental,

2080p des-

descobrio a 28 de Fevereiro de mil quatro centos noventa e oito a Ilha de Moçambique, que depois foi a escala para as nossas armadas, que navegavão para o Oriente, e lançando ferro a 7 de Abril na barra de Mombaça, triumphou da infidelidade do seu Principe, assim como passados dois dias achou benevola hospitalidade no porto de ElRey de Melinde, não sendo inferior a recepção, que lhe fez o Çamorim, Rey de Malabar, quando lançou ferro a 18 de Maio na Cidade de Calicut. Concluida tão dilatada navegação, em que gastou dous annos, e 21 dias, voltou ao porto de Lisboa a 29 de Julho de 1499, onde foi recebido por ElRey D. Manoel, com excessivas demonstraçoens de alvoroço, louvando-lhe o intrepido animo com que humilhára a soberba, nunca domada do Imperio de Neptuno, e fizera que o seu nome fosse respeitado pelos Príncipes de Melinde, e Malabar, dos
 quaes

quaes com as suas cartas recebia preciosas primicias de tão illustre descobrimento. Segunda vez sahio este Argonauta de Lisboa para o Oriente a 10 de Fevereiro de 1502, com os honorificos Titulos de Conde da Vidigueira, Almirante dos Mares da India, Persia, e Arabia, acompanhado de huma Armada, composta de 20 Navios, e chegando a 21 de Julho á Cidade de Queiloa, fez o seu Principe tributario annualmente em dois mil meticaes de oiro ao nosso Monarca. Restituído a Lisboa em hum de Setembro de 1503, lhe offereceo o tributo de ElRey de Quiloa, do qual mandou com generosa piedade fabricar huma Custodia para deposito do Santissimo Sacramento, que deo ao Convento de Belém, que magnificamente edificára. Tendo este Heroe por duas vezes navegado ao Oriente, que o foi da sua immortal gloria, o mandou ElRey D. João Terceiro, seguindo nesta eleição aos

vestigios de seu grande Pai, que
 terceira vez intentasse tão dilatada
 jornada, para a qual partio com o
 Titulo de Vice Rey do Estado a 9
 de Abril de 1524, acompanhado
 de seus filhos Estevão, e Paulo da
 Gama, com 14 Náos grossas, cin-
 co Caravellas guarnecidas de tres
 mil Soldados. Chegando á Costa
 de Cambaya, se sentio na Armada
 hum formidavel marimoto, do qual
 consternados excessivamente os Na-
 vegantes, os animou, como supe-
 rior a todos os perigos, dizendo-
 lhe, que trocassem o temor em ju-
 bilo, e o susto em alegria, porque
 o Mar com aquelle movimento, tes-
 temunhava o medo que tinha ás suas
 Armas. Não mereceo o Estado da
 India, que hum Heroe, que tinha
 domado o orgulho das ondas, aba-
 tesse a soberba dos Principes Orien-
 taes no tempo do seu Governo, que
 foi tão breve, como dilatada a sua
 fama, fallecendo em Cochim a 25
 de Dezembro de 1524 ás tres horas
 de-

depois da meia noite, havendo recebido com piedade catholica todos os Sacramentos. Foi casado com Dona Catharina de Attaide, filha de Alvaro de Attaide, Senhor de Pena-cova, e Alcaide Mór de Alvor, e Dona Maria da Silva, de quem teve a D. Francisco da Gama, segundo Conde da Vidigueira, Senhor da mesma Villa, e da de Frades, Almirante Mór da India, e Estribeiro Mór de ElRey D. João Terceiro, que cazou com Dona Guiomar de Vilhena, filha de D. Francisco de Portugal, primeiro Conde de Vimioso, e de sua primeira Mulher Dona Brites de Vilhena, de quem teve descendencia: D. Estevão da Gama, Governador da India, D. Paulo da Gama, Capitão de Malaca, D. Christovão da Gama, que com o proprio sangue tyrannamente derramado pela impiedade do Imperador da Ethiopia, nobilitou os Fastos do Christianismo, D. Pedro da Silva, Capitão de Malaca, D.

Alvaro de Attaide da Gama, Dona Isabel de Attaide, Mulher de D. Ignacio de Noronha, filho herdeiro do primeiro Conde de Linhares D. Antonio de Noronha, Escrivão da Puridade de ElRey D. Manoel, de quem não teve successão. Da sepultura do Convento de São Francisco de Cochim, se trasladarão os seus ossos, como ordenára em seu Testamento, para o dos Religiosos Carmelitas Calçados, da Villa da Vidigueira, cuja Capella Mór he Jazigo de sua excellentissima casa, e no Presbyterio da parte do Evangelho, está hum Caixão coberto de Veludo preto, e em huma pedra se lê gravada a seguinte Inscriptção. *A qui jaz o grande Argonauta D. Vasco da Gama, primeiro Conde da Vidigueira, e Almirante das Indias Orientaes, e seu famoso Descobridor.* Eternizarão a memoria deste Heroe com elêgantes Elogios diversos Escriptores, como são Goes Chron de ElRey D. Manoel parte I
Cap.

Cap. 24 , 38 , 41 , e 44. Barros ,
 Decad. da Ind. 1. Liv. 4. Cap. 1 , e
 seguintes. Faria Asia Portug. tom.
 I part. 1. Cap. 4 , Solorzan de Jur.
 Indiar. Tom. 1. Liv. 1. Cap. 3. n.
 30. San Roman Hist. de la Ind.
 Orient. Liv. 1. Cap. 8 , 10 , e 13.
 Osorius de reb. Emman. Liv. 1 ,
 Andrade Chron. de El Rey D. João
 Terceiro part. 1. Cap. 58 , e 64 ,
 Souza , Hist. Geneolog. da Casa
 Real Portug. tom. 3. pag. 167 ,
 169 , 480 , e tom. 11. pag. 551 ,
 Franc. de Sant. Marc. Diar. Por-
 tug. tom. 3. pag. 535 , Fr. Jose
 Pereira Chron. dos Carmelit. da
 Prov. de Portugal tom. 2. part. 4.
 Cap. 4. n. 595. Sá Men. Hist. do
 Carm. da Prov. de Portug. Part. 1.
 Liv. 3. Cap. 4. pag. 236. compoz
 a Relação da viagem que fez á India
 em o anno de mil quinhentos noventa
 e sete. Do Manuscripto desta obra ,
 e seu Author , fazem menção Ni-
 coláo Antonio , Bibliotheca Hispa-
 nia Vet. Liv. 10. Cap. 15. §. 844 ,

e Antonio de Leão Bibliotheca In-
 d. tit. 2, e o seu Addicionador
 tom. 1. tit. 2. Col. 25.

F I M.

V I D A

D E

DIOGO DE COUTO,

Chronista do Estado da India, e
Guarda Mór da Torre do Tom-
bo della, escripta por Manoel
Severim de Faria Chantre, e Co-
nego da Sé de Evora.

TEm tanta força as obras dos
homens doutos, para fazer estimar
seus Authores em toda a parte, que
não sómente ganhão com particular
affeição as vontades dos que as vem,
mas ainda levão apos si os desejos
dos Ausentes, para pertenderem sua
comunicação. Estas me fizeram pro-
curar, com cartas deste Reyno,
a amizade de Diogo de Couto na

In.

India , e agora me obrigação a que ponha em lembrança a noticia que alcançei de suas cousas , assi por cumprir em parte neste officio com o que lhe devo , como por entender , que com isso faço huma obra agradavel a todo este Reyno , de que pelo muito , que trabalhou no serviço público , com razão he tido por merecedor de outras avantajadas memorias.

Foi Diogo de Couto , filho de Gaspar de Couto , e de Isabel Serã de Calvos , Pessoas nobres , e ella foi filha de Vasco Serrão de Calvos , por cuja via ficava Diogo de Couto sendo Primo daquelle insigne Pregador , e grande Religioso o Padre Luiz Alvares da Companhia de Jesus. Nasceo Diogo de Couto em Lisboa no anno de 1542 , estando seu Pai Gaspar de Couto em serviço do Infante D. Luiz , a quem o dera ElRey D. Manoel. Por esta razão entrou Diogo de Couto , como teve idade , no serviço do

do Infante, o qual o mandou estudar em Lisboa; de onze annos começou a ouvir Grammatica entre os primeiros Estudantes do Collegio de Santo Antão da Cidade, que foi o primeiro Collegio que a Religião da Companhia teve em toda a Europa. Seu Mestre na Língua Latina foi o Padre Manoel Alvares, celebre Humanista, e Author da Arte da Grammatica, que hoje se lê em todas as Universidades, e Estudos, que a Companhia tem a seu Cargo. A Rhetorica ouviu do Padre Cypriano Soares, que compoz a Rhetorica, por que se ensina esta Arte nas Escolas da Companhia. E se he verdadeira aquella Sentença, que o primeiro fervor e motivo da Sabe-doria he a excellencia dos Mestres, com razão se podem ter em muito as obras de Diogo de Couto; pois além de serem as ideas de seu grande engenho, foi elle cultivado por tão celebres e doutos Varões daquelle tempo. Acabados os

Es-

Estudos da humanidade, parou Diogo de Couto na continuação das Escolas, porque ainda então se não lião em Lisboa mais que as Letras humanas, e assi ficou continuando no serviço do Infante, o qual mandando algum tempo depois o Senhor D. Antonio seu filho ao Mosteiro de Bemfica para ouvir a Filosofia do Santo Varão Fr. Barthomeo dos Martyres, que depois foi Arcebispo de Braga, e vendo a boa e natural habilidade, que já em Diogo de Couto se descobria, lho deo por Condiscipulo. Aprendeo Diogo de Couto deste insigne Mestre não sómente as Artes Liberaes, em que elle foi eruditissimo, mas juntamente as virtudes, que nelle mais resplandecião, como bem o mostrou depois na temperança, modestia, e piedade, que em toda sua vida guardou, assi no estado de Soldado, como no de Cidadão, sem lhe as dilicias da India poderem fazer

ger mudança nos costumes em tão
largos annos, como teve de vida.

Falleceo o Infante ao tempo,
que Diogo de Couto acabava a Fi-
losofia, e pouco depois desta per-
da, recebeu a segunda com a mor-
te de seu Pai; e assi cortando-se-lhe
o curso de suas esperanças, foi cons-
trangido a mudar de estado, e dei-
xando as Letras, seguiu as Armas,
a que seu animo não pouco o incli-
nava. E como já naquelle tempo
não havia outra Conquista, senão
a do Oriente, por quanto El Rey
D. João Terceiro tinha largado os
lugares de Africa, sustentando só-
mente aquelles que podião servir de
fronteira de Hespanha, determinou
passar á India, como o fazia então
a maior parte da nobreza de Portu-
gal, por nesta empresa terem mui-
tos em breve tempo ganhado hon-
ra e proveito, o que sempre assi
aconteccera, se os que depois vie-
rão, quizerão continuar no valor
e virtudes dos primeiros, que áquel-
las

las partes passarão, e não seguirão os vícios de sensualidade e avareza, com que corrumperão aquelle tão bom procedimento antigo.

Embarcou-se Diogo de Couto no anno de 1556, militou na India oito annos, achando-se nos mais dos feitos asignalados de seu tempo, mostrando com particular valor, que as Letras não impedem, antes favorecem as Armas, como derão a entender antigamente os Gregos na Imagem de Apollo, a quem pintavão armado de Arco, e Settas, e o veneravão juntamente por Deos das Sciencias. Cumpridos dez annos da Milicia contínua, tornou ao Reyno a requerer o premio de seus trabalhos; e ainda que chegou a Lisboa, quando com maior força ardia o mal de peste, que vulgarmente se chama grande, foi brevemente, e bem despachado: com este despacho se partio logo para a India, onde se casou na Cidade de Goa com Luiza de Mello, pessoa nobre,

bre, cujo Irmão foi o Padre Fr. Deodato da Trindade, da Religião de Santo Agostinho, que depois no Reyno lhe assistio á impressão de suas Decadas.

Tanto que o estado de Cidadão pacifico, e livre das occupações da Guerra lhe deo lugar para se lograr do ocio, tornon a renovar no animo os antigos estudos das Letras humanas, e assi por estas, como por sua cortezia, e boa condição se fez mui conhecido na India, e amado de todos os doutos, nobres, e curiosos, e até dos Principes pagãos daquellas partes.

Foi Diogo de Couto mui douto nas Mathematicas, e particularmente na Geografia, soube bem a lingua Latina e Italiana, nas quaes compoz alguns Poemas, e assi na nossa vulgar, em que teve particular graça, tudo Obras Lyricas, e Pastoris, de que deixou hum grande tomo de Elegias, e Eglogas, Canções, Sonetos, e Trovas. Teve par-

particular amizade com o nosso excellente Poeta Luiz de Camões, o qual o consultou muitas vezes, e tomou seu parecer em alguns lugares das suas Luziadas, e a seu rogo commentou Diogo do Couto este seu heroico Poema, chegando com os commentarios até o quinto Canto, o qual não acabou de todo por outros impedimentos que lhe occorrerão; porém nem por isso deixão de ser muito estimados estes seus fragmentos, e em poder de D. Fernando de Castro, Conego de Evora está o Volume original delles, que foi de seu Tio D. Fernando de Castro Pereira, a quem Diogo de Couto o enviou, por ser particular amigo seu.

Sucedendo ElRey D. Filippe na Coroa destes Reynos, como era Principe tão prudente, e que sempre trazia nos olhos o bem, commum de seus Vassallos, desejou de mandar proseguir a Historia da India, do tempo em que a deixou o
nos-

hóssõ João de Barros, e que se conti-
 nuassem as suas Decadas com o
 mesmo Titulo, e estilo, pelo gran-
 de applauso, com que as tres pri-
 meiras forão recebidas em toda a
 Europa. Para tão grande empreza
 foi nomeado a ElRey, Diogo do
 Couto, ainda que estava morador
 em Goa, abrangendo tão longe a
 fama de suas partes. Encarregou-o
 ElRey desta Obra com titulo de
 Chronista da India, a qual Diogo
 do Couto acceitou animosamente, e
 a trouxe a tão perfeito fim, como
 depois se vio. A primeira cousa, em
 que pôz a mão, foi a Decima De-
 cada, por começar do dia, em que
 o mesmo Rey foi jurado, e rece-
 bido naquellê Estado, e assi lho
 mandar sua Magestade, mais (se-
 gundo parece) por pagar primeiro
 a divida em que estava aos Vassal-
 los que o servirão naquellas partes,
 que pelo gosto que Tullio confessa-
 va ter ao Historiador Lucio, de ver
 suas

suas proprias acções escriptas em Historia, ainda em vida sua.

Por esta razão acabou a Decima Decada , concluindo-a com o Governo de Manoel de Souza. Estimou ElRey muito esta Obra , e agradeceo a Diogo de Couto por carta sua , encommendando-lhe de novo , que tornando atraz com a Historia , continuasse as Decadas do tempo , em que João de Barros as deixara. Obedeceo Diogo do Couto , e com grande brevidade compôz a quarta Decada , e assi a quinta , sexta , e septima , undecima , e duodecima.

A outava , e nona acabou no anno de 1614 , no qual , querendo-as mandar ao Reyno , enfermou tão gravemente que esteve desconfiado da vida. Com esta occasião lhe desaparecerão estes dous volumes de casa , tomando-os alguém para se depois aproveitar dos trabalhos alheio. Mas foi Deos servido de dar saúde , e forças a Diogo do Couto (que já neste tempo era de 72 annos)

nos) para das lembranças que lhe ficarão; e da memoria, que a tinha felicissima ajuntar outra vez o que naquellas duas Decadas tratava; de que fez hum só Volume, recopilando nelle as cousas de mór importancia, e relatando as maiores mais largamente, com o que se remediou este furto de maneira, que quando alguma hora apparecerem, assi pela ordem, como pela materia, publicarão claramente seu Author.

Destas Decadas estão sómente até agora impressas, a Quarta, Quinta, Sexta, Septima, porém á Sexta succedeo hum grande desastre, e foi que estando a impressão acabada em casa do Impressor, se acendeo o fogo nas casas, e arderão todos os Volumes, que acaso não estavam já em o Convento de S. Domingos de Lisboa. As mais Decadas não sahirão ainda a luz; e quando falleceo Diogo de Couto, ficarão em poder do Padre Fr. Deodato da Trindade, seu Cunhado.

O estilo que nestas Decadas guardou Diogo de Couto, he muito claro, e chão, mas cheio de sentenças, com que julga as acções de cada hum, e mostra as cousas dos successos adversos e prosperos, que naquellas partes tiverão os Portuguezes. Porém ainda que nesta parte póde ser com outros comparado na verdade do que escreve, que he a alma da Historia; no que trata dos Principes do Oriente, nos costumes daquelles Povos, e remotas Provincias, na situação da sua verdadeira Geografia, levou a muitos conhecida vantagem, como se póde claramente ver nas suas Decadas, nas quaes se mostram os erros que nestas materias tiverão, os que antes d'elle escrevêrão as cousas do Oriente. Para esta noticia, além da grande applicação com que se deo ao estudo dos Geografos antigos, e modernos, lhe valeo a assistencia, que teve naquellas partes por mais de cincoenta annos, nos quaes vio por

ra-

razão da Milicia , e Commercio muitos daquelles Reynos , e depois sendo Cidadão de Goa , Cabeça daquelle Estado , poude bem alcançar a verdade dos successos que refere ; pois naquella Cidade assistem todos os VicesReys , e della sahem todas as Armadas , e a ella se tornão a recolher de maneira , que recebeo as informações dos mesmos , que se achárão nas emprezas , e a tempo que as testemunhas de vista , que na mesma Cidade havia , os obrigavão a fallar a verdade. A esta razão se lhe acrescentou outra , que foi a do Officio de Guarda Mór da Torre do Tombo do Estado da India , o qual Cargo lhe deo ElRey D. Philippe Primeiro , quando mandou ordenar este Arquivo pelo Vice-Rey Mathias de Albuquerque , no qual se recolhêrão todos os Contratos de Pazes , Provisões , Registros de Chancellaria , e os mais papeis de importancia , que costumavão andar em poder do Secretario ,

é de outras Pessoas daquelle Estado , com que lhe ficou huma noticia original de tudo o tocante áquella Historia ; donde com razão podemos ter esta por não menos verdadeira , que a de Polybio , e Sallustio , a quem este desejo levou de Grecia a Italia , e de Italia a Numidia , para verem os sitios das Provincias , de que havião de escrever , e alcançar as informações dos feitos de que tratavão , dos quaes (por serem passados muitos annos antes) de força lhe faltaria a noticia em muitas partes essenciaes , tendo juntamente o mesmo tempo mudado a face das terras ; e lugares , como cada dia vemos.

Não he menos de estimar esta Obra por sua grandeza ; porque além de escrever Diogo do Couto noventa livros nestas nove Decadas , numero a que raros Escriptores chegãrão , foi toda esta Historia escripta por elle novamente , e não tomada de outros Authores , no que se mostra

tra bem a grandeza e valor de seu engenho, a que não chegou Livio, ainda que lhe excedeo no numero dos Volumes, por quanto a maior parte de sua Historia foi tomada de outros, e principalmente de Polybio, o qual tambem confessa de si, que das Obras que muitos Escriptores tinham publicado de cada Conquista dos Romanos, em particular, compozera a sua universal Historia. Mas Diogo do Couto foi o primeiro que tirou á luz a Historia da India, do tempo em que a deixou João de Barros, se não foi o que até o principio do Governo de Nuno da Cunha tinha escripto Fernão de Castanheda. Por quanto a quarta Decada de João de Barros, que acaba com o Governo do mesmo Nuno da Cunha, sahio muitos annos depois.

Para aperfeiçoar esta Obra, e dar huma consumada noticia do Oriente, compôz outro Livro, a que chamou Epilogo da Historia da India,

dia , no qual tratando de cada Fortaleza nossa , aponta as cousas principaes , que alli acontecerão , e que faltarão aos nossos Historiadores , e outras que de novo forão succedendo , de maneira , que neste Volume está summariamente tudo o que toca á Historia , Commercio , e Policia Oriental , accommodando o estilo a este Compendio com muita clareza e brevidade. Não foi menos eloquente no estilo Oratorio ; porque além do que se vê nas suas Decadas , que não he pouco , por insigne nesta faculdade , foi escolhido para fazer as Praticas aos mais dos Governadores , e Vices-Reys , que em seu tempo entrarão em Goa ; mas isto não era só pela Linguagem , e ornato de palavras com que fallava , mas pela verdade , e desengano com que as dizia ; das quaes algumas andão impressas , que não desdizem de seu Author.

Acompanhou a Diogo do Couto , desde seus primeiros annos , hum
gran.

grande zelo do Bem público da Patria , que junto com o entendimento e experiencia , de que era dotado , lhe fez considerar as causas de alguns inconvenientes , que havia no Governo da Republica , e principalmente no Estado da India , onde elle assistia , e onde por ausencia dos Reys , e excesso dos Ministros , hião as desordens em maior crescimento. Para remediar este mal , vivendo ainda ElRey D. Sebastião , compôz hum Livro ; a que chamou o Soldado práctico , no qual introduzio por modo de Dialogo hum Vice-Rey novamente eleito , fallando com certo Soldado velho da India , que andava na Corte em seus requerimentos , para se informar das cousas que lhe importavão para a jornada , e do mais que tocava ao Governo da Fazenda Real , e Milicia daquelle Estado , e em todas estas cousas , aponta com cortezão estilo , e brevidade o que se deve seguir , ou evitar , dando os Exemplos ,

plos, e razões fundamentaes, de
 maneira, que póde ser huma excel-
 lente instrucção para aquelle Gover-
 no. Porém antes de aperfeiçoar es-
 ta Obra, lhe foi furtado o Original
 della, e sem mais o poder haver
 ás mãos, chegou a este Reyno sem
 nome de Author, onde se trasladá-
 rão algumas copias, que serão ti-
 das em grande estima dos que as
 pudérão haver. Sendo disto adver-
 tido no anno de 1610 por hum
 amigo seu, tornou a reformar esta
 Obra, ou quasi fazella de novo;
 porque introduzio por pessoas do
 Dialogo, hum Governador, que ti-
 nha sido da India com hum Sol-
 dado pratico della, ambos em Casa
 de hum Despachador, tratando so-
 bre as cousas daquelle Estado, tra-
 zendo-as ao tempo presente, com
 tanta ponderação, e juizo, que não
 sómente póde servir de norte aos
 que o governarem, mas em todo o
 tempo dá claro desengano das cou-
 sas delle. Esta Obra dedicou ao
 Mar-

Marquez de Alemquer , e o Original está na Livraria de Manoel Severim de Faria , Chantre de Evora , a quem elle o mandou.

Este zelo da honra da Patria lhe fez escrever hum Livro contra o que compôz o Padre Fr. Luiz de Urreta , Dominico , da Historia , e Policia do Reyno de Ethiopia , a que vulgarmente chamamos Preste João , no qual o Padre com pouca noticia , que tinha do Oriente , e sem ler as Historias da India , nem deste Reyno (como quem escreveo entre os bosques , e delicias de Valença , sem ver mais que hum só homem , que o informou , e a quem creio) disse muitas cousas contra toda a verdade da Historia , sendo todo o seu Livro huma Obra fabulosa , e temeraria. E posto que os Padres Fernão Guerreiro , e Nicoláo Godinho , da Companhia , tinham respondido ao Padre Urreta com particulares Apologias , os mesmos Padres da Companhia de Goa pedirão

rão a Diogo de Couto, respondesse tambem pela honra deste Reyno, o que elle fez, estando já quasi com o Corpo na sepultura, mas com tanto vigor de animo, que bem parece que se lhe faltavão as forças corporaes, que as do entendimento são sempre em maior perfeição. Este Livro trouxerão os Padres da India ao Arcebispo de Braga D. Fr. Aleixo de Menezes, por ordem de seu Author.

Com estas occupações não pôde acabar de todo outra empreza que deixou começada para luz do Commercio da India, e que tratava de todos os tempos e monções, em que se navega para todas as partes do Oriente, e dos pesos, medidas, e moedas, com todas as mais cousas, que a este particular pertencião.

Nestas taes Obras gastou Diogo do Couto a maior parte da sua idade; exercitando o talento que lhe foi entregue, como bom, e util Servo até o anno de 1616, no qual

sendo de 74 annos , o levou Deos para si Sabado a dez de Dezembro para lhe dar o premio que suas Obras merecêrão. Foi Diogo do Couto homem de meia estatura , de alegre , e veneravel presença , olhos vivos , côr atericiada , e nariz algum tanto aquilino , mui laborioso , como o mostra a multidão de seus Escriptos; teve grande conselho , e por essa causa era chamado muitas vezes dos Vice-Reys a elle , nos negocios de mór importancia. Era pouco cubiçoso , que para homem que viveo tantos annos na India , he grande maravilha , e assi foi mais rico de partes e merecimentos , que de fazenda , posto que esta lhe não faltasse em seu estado , com que sempre passou honradamente.

De sua Mulher , com que viveo largos annos , teve huma só filha , que morreo antes de casar , donde não ficou delle geração , o que os Antigos julgavão por infelicidade ; porém não tal , que lhe possa tirar

a bemaventurança, que os mesmos Antigos tinham por grande, que era escrever feitos alheios, e dar materia para que se escrevessem os seus proprios, o que elle fez na sua Milicia, e Historia, compondo, e pelejando. Pelo que com razão lhe puzerão aquelle Distico ao pé de seu Retrato, que como Estatua immortal lhe imprimirão nas suas Decadas, que diz:

Exprimit effigies, quod solum in Casare visum est.

Historiam caesare tractat, et arma manu.

F I M.

ORA-

ORARAÇÃO

DE

DIOGO DE COUTO.

Que estava feita para o dia, que se aleoantas-
se a estatua do Conde, que não veio a efeito.

Copiada fielmente do seu Original Autografo.

A Quelle Principe de toda a hello-
quencia Latina Marco Tullio Cice-
ram, querendo defender a causa de
Millione em publico theatro, diante
daquelle grauissimo Senado Roma-
no, comessando aquella hellegantis-
sima Oração, se lhe varreo toda
da memoria, como se nunca a es-
tudára, alguns presomirão que fôra
arteficio, por não ter justiça no que
queria defender, e outros, que de
temor das Legiões Militares, de
que

que estaua rodeado , mas eu neste auto tão sollene , e concursso , não menos graue que aquelle , posto que me falte a helloquencia que a outro sobejaua , sobeja-me a justiça , e verdade , com que espero defender a causa deste insigne Capitão D. Vasco dagama , pello que , nem temo que me esqueça o que pertendo dizer , nem que tenha temor de todos os exercitos do mundo , e das verdades , que hoje aqui disser , a Vós ó Altissimo Deos , onde toda a verdade mora , a Vós tomo por restemunha , e o mesmo faço a Vós Virgem , e Martir Santa Caterina , que pella confissão da verdade destes a vida em mãos dessas crueis naualhas , que atassalharão vossas delicadissimas carnes , e se pelo martirio perdestes o Reyno paterno , e caduco , por elle alcançastes o celestial , e perpetuo , e ynda na terra não ficastes deserdada , pois vies-tes a ser Senhora , e prínceza desta nossa famosa Cidade de goa. E
 pois

pois Virgem santa tendes todos os annos hum dia particular de vossos lououres , oje me dai licença para tratar os deste valeroso Capitão , a que na terra deueis mais que a todos , porque como diz Agostinho , se Santo Esteuão não horára por Paulo , não gozára a Igreja de tão rico thesouro , assi se este Capitão não descobrira este estado , não foreis Vós Virgem Santa nelle tão venerada , e ynda lhe tendes outra obrigação por Pay do valleroso Gouvernador D. Esteuão dagama , que foi o primeiro que vos visitou na vossa Casa do Monte Sinay , na qual em louuor vosso armou muitos Caualleiros , feito tão heroico , que merecia ser muito engrandecido de todos , como offoy da Ceçarea Magestade do Emperador Carlos Quinto.

Hora por onde comessarei que he tão heroica , e sublime esta materia , que temo de empobrecer nella , e tão alto este pego em que me fui
me-

metendo , que receio sosobrar-se nelle o fraco barco do meu engenho , e são tantos os caminhos que vejo para entrar nos lououres deste Capitão , que não sei qual delles siga , mas Vós ho minha Calliope , Vós Virgem , e martire Santa Catharina , me dai oje a mão por que me não perca.

Dai-me Senhores huma pequena detença , e mostrar-vos hei , como este valleroso Capitão , que essa estatua representa , não só he digno de estar no lugar em que estes Padres conscriptos oje a querem allevantar , mas que inda o he de estar em todas as Cidades da India , e em todas as da Europa , em cujas escreturas anda mais ellebrado que nas nossas , porque assi como todos os estrangeiros são mais polliticos que nós , assi estimão hum feito tão heroico , como o que este Capitão cometeo , e acabou mais que nós , aquellas grandes façanhas , que dous poetas , grego , e latino , tanto

en-

engrandecerão da Navegação de Valis-
 lisses , da perigrinação de Eneas ,
 aquellas patranhas dos odres cheios
 de vento , dos encantamentos das
 Circes , e das Sereas , do Gigante
 Pollifemo , aquillo que outros con-
 tãõ dos Gorgonas do horto Hesphe-
 ridas , aquellas monstruosidades de
 Peritho Ethesio ao Vellocino dou-
 ro , em fim tudo o em que tanto
 mostrarão suas abellidades , e ale-
 uantarão com seus versos , tudo fo-
 rão fabulas sonhadas , em compa-
 rassão do que este Capitão vio , e
 acabou , porque todos os trabalhos ,
 riscos , perigos , e perigrinações das
 quelles , não forão fóra dos termos
 da terra tão sabida , nem de 500
 legoas por mar , tomando cada dia
 refrescos , e récreações , mas este
 nosso Capitão não assi , não , que
 sem saber por onde auia de nave-
 gar , sae polla barra de Lisboa fó-
 ra , mete-se por esse largo oceano
 em jornada de seis mil legoas , cor-
 rando tantas vezes aaequinocial ,

não vendo mais que ondas brimindo contra elle, céos tristes, e carregados, tempestades, coriscos, fuzis, e relampados, que parecia, que os céos, e elementos estauão conjurados contra elle, nuens tristes, e medonhas, que em groços canos, e trombas deçião sobre elle a tomar as agoas do mar, que cuidaua que lhe querião soruer, as Nãos, que logo se tornauão a resolver sobre ellas em grandes deluuios de agoa, e monstros marinhos de horrendas, e disformes figuras, que parecião que querião tragar as Nãos, e sobre todos estes medos, outros de fomes, e cêdes, e doenças irremediaues, e mortaes, sem fim tantas cousas destas, que qualquer dellas bastaua para fazer recuar todos os grandes peitos do Mundo, mas no seu não fizeram aballo algum, antes por tudo passa, tudo vence com seu vallor, e esforço, e com mais rezão podéra dizer por elle, o que Venus disse a seu filho Cupi-

pido, quando o mandava que fosse
 favorecer Eneas com Dido. (a) *Natē*
patris summi, qui tela tiphoea te-
muīs. Ho peito generoso filho do gran-
 de Jupiter, que despresaste, e tiueste
 em pouco todos os tiros, e rayos
 de Tiphon, por tudo passastes val-
 leroso Capitão, tudo vencestes, té
 chegardes a Moçambique, onde não
 achastes hum laberintho, senão mui-
 tos laberinthos, não hum Pollife-
 mo, senão cento mil Pollifemos,
 não huma Cirse, senão infinitas
 Cirsses, assi que se aqui escapastes
 de hum perigo, acollá destes em cen-
 to, por tudo passastes, tudo desba-
 ratastes, té chegardes ás nomeadas
 prayas de Callectur, que hieis buscar,
 onde cuidando descansar, achastes
 novos perigos, novas artes, e ar-
 dis para vos queimarem as Náos,
 achastes novos enganos, e asperas
 prisões, e crueis ameaças da morte,
 que tudo vencestes, e desbaratastes,
 D ii té

(a) Virg. AEn. I. v. 665.

té tornardes ao desejado porto de Lixboa com as amostras de todas as riquezas deste Estado, e com todas vossas náos, mas com vosso Irmão Paulo dagama morto, que foi o primeiro homem fidalgo, que nestes Descobrimentos perdeu a vida pollo seruiço do seu Rey.

Por certo, que quando cuidou naquella náo S. Rafael, (a) em que este Capitão descobriu este Estado, me parece que por Ordem diuina, se lhe pôs o nome deste Arcanjo, porque assi como elle guiou o Moço Thobias (b) ao Castello de Gabello, assi guiasse este nosso Capitão te estas partes por ter determinado que nellas dillatasse sua santa Ley, e que fosse este Capitão o Author desta Obra, e assi esteve tantos annos esperando por elle. Não descobriu nesta jornada o horto das Espheridas, onde fabullarão hauer

(a) Barr. Decad. 3.

(b) Tob. Cap. 6.

maçans douro , mas descobrio-nos montes douro , serras de prata ; descobrio-nos minas de diamantes ; e rubis , pedras desmeraldas , e çafiras , descobrio mares , e pescarias de perolas serenissimas , deo noticia ao mundo de todas as especies aromaticas com que oje se enriqueesse , descobrio-nos emfim todas as louçainhas lindezas , e riquezas deste Oriente , que tanto enriquecerão , e alegrarão o mundo , e sobre tudo enriqueceo esse Ceo Imperio com infinitos Martires , que neste Estado verterão seu sangue pela fé de Christo , e do grande número de castas Donzellas , e infinitos Confessores , que como Estrelas rellusentes estão formando esse Ceo. Este he este insigne Capitão D. Vascò dagama , que de tudo isto foi o Author , e em tudo no Ceo tem sua parte , e quinhão , e segundo sentença de Cicero , (a) que diz ,

(a) Tul. 6. Republ.

que todo o que dillatar, e acrescensar a Patria, teria certo, e determinado lugar no Cco, muito grande, e muito glorioso o deve de ter lá este nosso Capitão.

Hora vede se este, que assi vos disse breuemente merecia aos homens tanta ingratição: que fôra de nós se nos não descobrira terra tão rica, e que tanto tem alcuantado nossos Naturaes sobre todas as Nações, com a fama gloriosa dos heroicos feitos, que nestas partes obrarão, por certo que os apellidos illustres do nosso Reyno ficarão apagados, e esquecidos, comendó os filhos mais moços a prouê ração dos Irmãos morgados, que então erão bem poucos os que chegauão a quinhentos mil reis; ponde oje os olhos por todo esse Reyno, vereis muitas casas com titollos sublimados de Condes, Senhores de tantos contos de renda, e tantas riquezas, que cada casa destas representa oje mais magestade, do que

antigamente representava a dos proprios Reys: pois nós os Cavalleiros fomos lauradores e pobres, fomos em fim nada, todos nos consumimos dentro nos estreitos limites do nosso pequeno Reyno.

Hora vede o que por esta Obra mereceo a Deos, e ao Rey; a Deos, deu-lhe a mais ampla geração de Portugal, tantos filhos, tantos netos, tantos bisnetos, e entre elles tantos Capitães tão vallerosos. O que mereceo ao Rey, notorio he; deu-lhe os titollos de Almirante da terra que descobrio, o de Conde da Vidigueira, fez-lhe outras honras, e mercês, e sobre tudo deu-lhe suas proprias armas, que era o mais que se podia estimar.

Querendo Deos Nosso Senhor fazer huma grande mercê ao seu mimoso Abram, lhe concedeo, que podesse acrescentar ao seu nome esta letra H, que era do mesmo Deos, e que dalli em diante se chamasse Abraham, que quer dizer Pai de
mui-

muitas gentes; assi a este nosso Ca-
 pitão (que se póde com muita re-
 zão chamar Pai de toda a Christan-
 dade do Oriente , pois foi o pri-
 meiro , que abriu estas portas , por
 onde entrou a Ley do Santo Euan-
 gelho) fez ElRey outro mimo , e
 mercê quasi semelhante , concedeo-
 lhe que acrescentasse ás armas de
 sua linhagem huma das peças das
 Reaes , ainda passou avante , que foi
 o primeiro a que concedeo o Titol-
 lo de Visorrey , porque quando
 vissem as armas Reaes em seu es-
 cudo , se dicesse : Sangue Real cheirá
 aqui ; ouvindo-lhe o titollo , tam-
 bem podessem dizer : nome Real ,
 só aqui ; e a mercê que Deos fez a
 Abraham , foi com condissão , que
 lhe sacrificaria hum filho que tinha ,
 mas este nosso Capitão , sem esta
 obrigação , sacrificou ao serviço de
 Deos , e do seu Rey cinco filhos
 neste Estado , dos quaes o D. Paul-
 lo dagama foi morto pollos Mou-
 ros , pellejando tão vallerosamente ,
 que

que ficarão suas cousas postas em cantigas entre os mesmos Mouros. O outro D. Christouão dagama , padeceo glorioso Martyrio em defensão da Christandade da Abasia , e he certo , que cortando-lhe o Rey tiranno a cabeça , na parte em que cayo , se abriu logo huma fonte de agoa cristalina , que dizem daua saude a muitas infermidades , e assi se diz , que pretende o Summo Pontifice canonizallo , e que para isso se mandão recolher suas Relligias (a)

Querendo Virgilio mostrar as grandes esperanças que hauia em Roma do Principe Marcello , que morreo mancebo , o faz naquelle verso. (b)

Tu Marcellus eris , Manibus date liliu plena ;

Aquel-

(a) O mesmo se conta de S. Paulo , que cortando-lhe a cabeça , deo saltos na terra , e em cada lugar se abrirão fontes de agoa viva.

(b) Virg. Eneid. 6. V. 384.

Aquelle he Marcello, que morreo com as Armas cheias de lirios, que se tomão pollas esperanças, mas eu com mais rezão posso dizer deste nosso Marcello D. Christouão da gama, que naquella fresca idade, em que morreo, não só levou as mãos cheias de lirios, mas que ainda deixou o mundo espantado de suas Obras, e altas Cauallarias, e huma grande vantagem levou a Marcello, que este trazia a mão esquerda cheia de lirios, que he de esperanças das cousas da terra, mas o nosso D. Christouão, não trazia cheia de lirios, senão a mão direita, que erão esperanças das cousas do Ceo, e de padecer glorioso Martirio por Christo, e assi podia dizer, *purpureas spargam flores*, eu tingirei estes lirios brancos em rôxas rosas pollo Martirio, de que oje está triunfando no Ceo (1)

Es-

(1) Ecclesiast. I. *Cor sapientis in dextera ejus.* Proverb. IV. *Longitudo dierum in dextera ejus, etc.*

Estando hum grande Orador, segundo conta Sabelio, orando diante do Filpilo, Rey de Macedonia, recitando as batalhas que alcançára, prouincias que conquistara, reynos que ganhara, reys que captiuara, triunfos que alcançára, veio a concluir com dizer, mas tudo isto, poderoso Rey, he pouco para o que meréces por Pai do grande Alexandre; assi digo eu, que tudo o que disse deste valleroso Conde Almirante, e tudo o que todos podem dizer delle, tudo fica muito atrás do que merece por Pai do grande Martyre de Christo D. Christouão da Gama.

Que mais? Não se satisfez El-Rey de dar a este Capitão o titollo de Visorrey, mas também o deu a seu filho D. Esteuão, e a seu Bisneto, o Conde D. Francisco, dignissimo Presidente do Tribunal da India, e muita justiça fôra que nunca este cetro saira da sua geração. Quando Moises ferio o Mar vermelho,

lho, que se lhe abriu para dar passagem aos filhos de Israel, que vinhão fugindo á furia de Faraó, Abinadab hum capitão do tribu Judaa, por ser o primeiro que tomou a bandeira nas mãos, e se meteo por aquellas concavidades, por onde todos o seguirão, lhe prometeo Deos, que não sairia o cetro de Judaa do seu tribu, ou de sua geração, segundo a tradissão dos Hebreos; pois que menos merecia este nosso capitão, por ser o primeiro que tomando a Real bandeira nas mãos, não se meteo com ella pello mar vermelho em passagem de quatro horas, senão por esse largo, e estendido oceano, em passagem de dous anos; mas posto que lhe negasse este cetro a seus descendentes, deu-lhe Deos Nosso Senhor outras cousas de mais estima, que foi acrescentallos cada vez mais em sangue, casa, renda, e credito, e openião, outras muitas gerações desfallecerão, esta sempre sobio cada vez

vez mais, fidalgos illustres herão pelos gamas, e tão illustres, que logo este valleroso Almirante foi eleito para Visorrey deste Estado, como disse, vêde o que depois acrescentarão em si os apellidos dos Ataides, dos Portugais, da Real casa do Vimioso, dos Vilhenas, dos Telles, dos Silvas, dos Menezes, dos Castros, e dos Noronhas, e agora dos Tauras, e se mais ouuerá no Reyno, a mais sobirão por seus merecimentos.

iv Demétrio phallero perfeito de Athenas, alcançou tantas, e tão grandes victorias em defensão de sua patria, que merecco aleuantarem-lhe muitas estatuas em sua memoria, e sendo ausente, lhas derubarão seus inimigos, e dando-lhe as nouas lha em Igipto, onde estaua, disse con grande confiança, que bem podião seus imigos derubar-lhe suas estatuas, mas que nunca poderião anichillar, e abater suas virtudes, nem seus feitos, poltos
 quaes,

quaes, elles mesmos lhas aleuanta-
rão, assi posso dizer em nome des-
te capitão, que posto que seus he-
mullos lhe derubassem sua estatua,
que suas virtudes, suas obras he-
roicas, ninguem lhas poderá nunca
escurecer, nem abater, porque essas
bem sabidas estão por todo o mun-
do.

Tanto que o Romullo acabou
de fundar a Cidade de Roma, man-
dou levantar suas estatua em um
lugar público, e pôz-lhe ao pé es-
te letreiro — Não cadet donéc vir-
go pariat — Não cahirá daquidtee
parir huma virgem, si querendo dizer
que estaria perpetuamente, e por auer
por impossivel parir virgem, mas
como os pemsamentos de Deos são
mais diferentes dos dos homens, o quiz
que elle mesmo fosse Profeta de sua
roina, e do parto da Virgem Nos-
sa Senhora; e assim o dia que ella
pario o Unigenito Filho de Deos,
veio a estatua donde estaua, e abai-
xo, e se fez em pedaços. Mas es-

taq deste nosso capitão leua muito vantagem, que aquella caio só de ouir nomear huma Virgem, e esta se aleuanta hoje, em companhia desta Virgem, e Martir Santa Catherina, pello que com mais rezão lhe cabe o letreiro, de donco Virgo pariat, porque como já não ha de parir outra, alli estará, em quanto o mundo durar.

Que farei? que as obrigações que temos a este capitão dizem que diga mais, mas não ouso, porque temo de enfadar, em fim concluo com isto. Entre as Leis que Solon fez em sua Republica, foi esta a que pôz grandes penas, que nenhum viuo fosse ousado a dizer mal de nenhum morto, crã vêde que pona daria a quem espedassasse esse corpo morto, e o maltratasse, e inda se podéra isto sofrer, se nesse corpo humano se tomasse satisfação de alguma offensa grande, mas em humi corpo de pedra, sem sentimento, e sem culpa, aqui pereio o

fun-

fundo. Ora já que inimigos não poderão em outra cousa mostrar seu odio, os amigos que conhecem suas virtudes, estes Padres conscriptos, estes famosos cidadãos, tornão oje a levantar sua estatua a seu lugar, e polla ventura, que pela ingratição que com elle se huzou; premitisse Deos que dahi a poucos annos viessem os rebeldes a nos destruir; e afrontar aos olhos destes vizinhos a quem tomamos a terra. Hora já que agora se faz tão justa restituissão, não temamos que aconteça desastre nenhum a esta nossa Cidade.

Quando David foi cercar o Alcassar de Qion, (1) onde estauão os Gebuseos, vendo elles seu poder, huzarão deste ardil: pozerão sobre os muros duas estatuas que tinhão, huma de Isac cego, e outra de Jacob côxo, porque como todos lhe tinhão grande veneração, nem os de fóra atirarião ós muros, pellos não o-

fender, nem os de dentro deixarião de acudir aos defender, e assim mandarão dizer a David, que enquanto alli houvesse cegos, e côxos, não entraria em sua Cidade, assim nós já nos não podemos arreceiar de cousa alguma, pois temos sobre os muros desta nôssa Cidade outros dous retratos doutros dous varoes famozos, a quem todos teimos tanto respeito, que em sua deffensão perderemos as vidas; huma do grande Albuquerque, sobre o muro da Misericordia, e esta deste valleroso Gama sobre estoutra, em que se oje aleuanta, com o que podemos esperar, que esta nossa Cidade, e todo o mais Estado, torne muito cedo á sua antiga grandeza, e prosperidade.

Diogno do conto.

E TRAS-

T R E S L A D O

D O

Asento que se tomou em Meza do
Camara desta Cidade de Goa , so-
bre se rrefazer o Vulto do Conde
Almirante D. Vasco dagama do
portal do Caes , lançado no Livro
dos Acordos della a fol. 33

A S S E N T O .

ANno do Nascimento de Nosso
Senhor Jesus Christo de mil seis
centos e noue annos , aos noue dias
do mez de Dezembro do dito an-
no , nesta muito noure , e sempre
leal Cidade de Goa , nas casas da
Camara dela , sendo junto em Me-

za

za João Caiado de gamboa , Pero Correa de laserda , Fernão d'Andrade Zuzarte , Vreadores , Antonio Moreira da fonçeca , Juiz Ordinario , Francisco machado , procurador da Cidade , e os quatro procuradores dos Mesteres Antonio Jorge , Miguel João , Marcos fernandes , e Amador ferreira , comigo Bartholomeo soares de guoes , escriuão da dita Camara , fazendo Vreação , e praticando nas materias , que por rezão de seus officios tinham obrigação de prouer , entre outras foi tratado , como no pouo se tinha notado por descuido a esta Cidade , e officiaes della não se ter mandado refazer a estatua , e vultro do Conde almirante D. Vasco dagama , que a Cidade mandou pôr no portal , e arco que fez no Caes do Visorrey , com tanta rezão , e aplauso conhecida. E obrigada de seus illustres feitos , e de auer sido o primeiro descobridor deste Oriente , e que a elle trouxe a fé de Nos-

so Senhor Jesu Christo , e seu[san-
to euangelho ; sendo obra sua , e
feita á sua custa : Sendo assi , que
de se auer tirado na fórma que se
fez , ter sua Magestade mostrado
auer-se por mal seruido , mandan-
do deusar do caso , pelo que pa-
recia obrigação tornarse a pôr no
estado em que a Cidade a tinha
posto , assi para consêrvação de
sua obra , como satisfação dos me-
recimentos de tão illustre Varão ; o
que assi ouuydo de commum con-
sentimento de todos , foy asentado,
que logo se mandasse fazer outro
vulto de pedra , do dito Conde,
e se pozesse em seu proprio lugar,
e nicho em que estaua , e que para
a Imagem de Santa Catherina , que
no dito Portal se puzera , se fizesse
outro nicho mais alto em cima do da
dita estatua no remate do dito Arco,
e nelle se puzesse a dita Santa , com
o que se fica satisfazendo a huma,
e outra cousa com a rezão deuida,
e polo assi asentarem , mandarão

fazer este asento em que se todos assignarão. Eu escriuão que o escreuy ,, João Caiado degamboá , ,, Pero Correa de lacerda , Fernão ,, dandrade Zuzarte ,, Antonio Moreira da fonceca , Francisco Machado de figueiredo , Antonio Jorge , Marcos fernandes , Miguel João , Amador ferreira. O qual treslado eu Bartholomeo soares degois , Escriuão da Camara aqui fiz tresladar do dito Liuro a que me reportto , com que o consertei por mandado da Cidade , a que o entreguey , e o consertey com o dito official abaixo assignado em Goa a 9 de Dezembro de 1609. E por este nada por ser da Cidade.

Batholomeo Soares degois.

10

TRAS.

T R E S L A D O

D E

Huma Petição que a Cidade fez na
conformidade do assento atras,
a ao Visorrey Ruy Lourenço deta-
uora , e do despacho que nella
deu , lançada ao pee deste assento
por mandado da Cidade,

Dizem os Vreadores , e mais
officiaes da Camara desta Cidade
de Goa , que obrigada ella dos mui-
tos merecimentos , e illustres feitos
do Conde Almirante D. Vasco da-
gama , que Deos haja , em de auer
sido o primeiro descobridor deste
Oriente , e que a elle trouxe a fé
de Nosso Senhor Jesu Christo , e
seu santo Euangelho , que com tan-

to fructo de sua Igreja se tem dilatado por todo elle : ha muitos annos , que mandou pôr hum Retrato seu nas casas da Camara , e huma figura sua em vulto de pedra no portal , e arco que mandou fazer junto ao Caes desta Fortaleza , onde com sua memoria fosse exemplo aos que o vissem , e se emxerguasse muito dos grandes beneficios que per seu meo este Estado recebe , e estando assi , foi hunta noite tirado do dito portal sobreticiamente por peçoas particulares , de que sua Magestade tem mostrado auersse por mal seruido mandando este anno de-uassar do caso , e emcomendando inda a Vossa Senhoria mande buscar o corpo de seu filho D. Christouão dagama que morreo martir no Abexim , para o mandar canonizar , rezõis que per ssi estão mostrando a satisfação que de suas obras tem o dito Senhor , e a elles supplicantes obrigação , e forão motiuo para mandar refazer o dito vulto , e tornar

narão lugar que esta Cidade justame-
 nte lhe tem dado, e por essa re-
 zão he já de direito seu, e assi
 asentarão em Camara pelo asen-
 to, cujo traslado offercem se tor-
 nasse a restituir a seu lugar, na fór-
 ma que por esta Cidade foi posto,
 como se delle verá, e porque esta
 obra he nesta Fortaleza, e Aposen-
 tos de Vossa Senhoria. = Pede esta
 Cidade lhe faça Vossa Senhoria mer-
 cê dar licença para se mandar fazer
 a dita obra, na forma que está a-
 sentado, pois esta Cidade a fez á
 sua custa, e está obrigada a refazel-
 la, pelo agravo, e escandalo que
 neste excesso recebeu. = E receberá
 mercê

D E S P A C H O.

Pode a Cidade mandar fazer a
 obra de que faz menção, como lhe
 parecer, e tem determinado pelo a-
 sento junto, pois he de sua ecencia,

e obrigação. Goa a onze de Dezembro de mil e seis centos e nove. Ruy Lourenço detauora. O qual asento, petção, e despacho, eu Bartholomeo Soares de guois, Escriuão da Camara desta Cidade de Goa aqui fiz tresladar do proprio Liuro, a que me reportto, e o consertey com o official abaixo comigo assignado.

O OUTRA CARTA

DIOGO DE COUTO

Sobre varias materias.

JÁ he tarde para esperar bem nenhum, porque quem nasce para triste, já não pôde ser contente;
mor-

morerei asi como sempre vivi , e para acabar de ser triste de todo , susedeo a extinção do Tribunal em que eu tinha a Vossa Senhoria , mas se tiuera vida bem sey que sempre auia de estar em outros lugares grandes , em que podera fazer mercês aos seus. E posto que isto succedeo asi , porque nie não falta çe tudo , me não faltarão cartas de Vossa Senhoria , que he o que mais estimo que tudo , quererá Nosso Senhor conseruar-lha por largos annos.

△ Posto que já não espero nada do mundo , todauia espero de ver inda a Vossa Senhoria nos lugares que mereçe a sua Magestade , que he Principe muiro Catolico , e a de satisfazer tamanhos serviços , como lhe tem feito. E posto que já não poso lograr as mercês que deseja de me fazer , só por esse desejo , lhe desejo todos os bens da vida.

Fico velho , e inda que asi , todauia espero em Deos que hei de

ficar de fóra daquela regra tão geral neste Estado, que he, todo homem que nelle enuelhecer não escapa, ou de pobre, ou de desonrado; pobre sou, mas muito honrado espero em Deos de acabar, porque me não póde tirar o mundo, deixar nelle impressos seis, ou sete Liuros tão acreditados pela Europa, que se não fóra tão humilde, pódera-me tocar uma pequena de altivez; mas como tudo o que tenho feito o encaminhou Deos, me faz estar com a mão folgada, e muito leue; nesas Náos vão as minhas oitaua, e nona Decadas, e já lá tenho a decima, e undecima, e se viuer acabarei duodecima com o tempo de Vossa Senhoria, a quem pedi me advertisse de algumas cousas, o que não fez, deuia de ser com negocios.

Pellas Regras que asima digo, como quá não ha homem mais velho que este Estado, e já o vejo pobre, e deshorrado, cudo que acabará cedo,

do, porque para isto ser mais de-
 presa, todos lhe dão de pé, asi
 de lá, como de quá; e como isto
 fôr, ficarão todos descansados, mas
 pagaló-ha-los que tiverem a culpa,
 porque o sangue do justo. Abel
 ha de pedir justiça do cruel Cahim;
 e para isto ser mais dipresa do que
 digo, inuentou o demonio que isto
 foi obra sua, mandarem vender as
 fortalezas, e os cargos, não ha
 vestido que deu esta traça, que não
 foi isso vender as fortalezas, se não
 as alfandigas de S. Magestade, e
 o sangue de seus Vaçalos. Porque
 quem comprou as fortalezas por
 presos tão allevantados, bém sabi-
 do he, que os ha de pagar as al-
 fandigas, e os Vaçalos, porque se
 os capitães, que até agora seruirão
 liuremente, não deixarão viuer o
 Rey, e o pouo, que será agora que
 lhe custaua tanto. Prazá Deos que
 as logrem, e que as veja lograr quem
 isto emuentou, e Vossa Senhoria vi-
 uirá, e verá, e não falo mais.

Es-

Escreveo-me o Padre Fr. adeob-
 dato, que nem Vossa Senhoria, nem
 elle tiuerão cartas minhas, de que
 pasmei, porque escreui muito lar-
 go, e mandei as Vias bem encami-
 nhadas, mas se até disso sou mofi-
 no, queixar me-hei de mym.

Os Paineis das armadas que es-
 tauão nesta casa da fortaleza apo-
 dresêrão todos, e tirarão-se, não
 ficou disto memoria, ha tres anos
 que labuto com o VisoRey sobre
 se renouarem, até que depois des-
 tas náos vindas o acabey com elle,
 encommendou-me isto, e tenho já
 feito de hum mez para quá, mais de
 çem Paineis de tintas muito boas,
 que faz o pintor godinho, e por-
 que o painel da primeira armada,
 em que o Senhor Conde Almirante
 veio descobrir a India, era muito pe-
 queno, e acanhado, como se aque-
 le capitão não fizera hum dos mo-
 res feitos do mundo, mandei-lhe
 fazer hum painel tamanho como os
 dous

dous dos outros em que lhe puz le-
treiros que merese.

Com esta será hum escrito que
me escreueo o chanceler João frei-
re dandrade sobre o titulo que
dise , como Vossa Senhoria verá
nelle , pelo qual entenderá , que em
tudo o que se mofreçe servir as cou-
sas de Vossa Senhoria , o faço , e
farey em quanto viuer. Isto não vio ,
nem sabe o Senhor D. Luiz daga-
ma , o que nunca quiz saber nada
de mym , será por me não ter por
marca de fazer mercê. Nosso Se-
nhor dê a Vossa Senhoria tudo o que
póde. Goa 6 de Janeiro de 1616.

Dioguo docouto.

CARTA FAMILIAR

ESCRIPTA A JOÃO . . .

Sobre a Oração do Conde Almirante D. Vasco da Gama.

E Sse Papel que aqui mando a Vm. dentro, estaua feito no primeiro borrão, para dizer na porta da cidade, quando aleuantassem a estatua de D. Vasco dagama, que hauia de ser com outras sirimonias, bem difrentes das que fizerão; mas como cessou huina cousa, e fez outra; pelo que ha mais de hum mez, e meio, que tinha lanssado este papel como perdido amtre as presintas da minha cama, e agora que o
achey,

achey, e o tornei a lêm, vi nelle como prouaua este capitão fora descubridor, e conquistador, ponto que Vm. me preguntou na rua direita, pelo que o mando amando a Vm. para queveja, e como o fizer tornar-mo, porque não tenho outro. Deos guarde a Vm.; de Casa terça feira.

Dioguo docouto.

R E S P O S T A

VI mui deoagar a Oração que Vm. tinha feito sobre o levantamento da estatua do Conde Almirante, e toda me pareceo mui benn. Viua Vm. muitos annos para suprir nossas faltas, com razão tenho ao Conde Almirante D. Vasco por descubridor, e conquistador do estado, como Vm. foi mostrando no
dis-

discurso da Oração , que com esta
torno a mandar , e nesta conformi-
dade continuei já em huma Senten-
ça nomeado por Conquistador. Nos-
so Senhor etc. etc. de Casa a 16
de Julho de 1610.

João



APONTAMENTOS

DE

DIOGUO DO COUTO,

Guarda Mór da Torre do Tombo,
que Vossa Magestade manda or-
denar na India , das cousas que
conuem para a dita Casa , para
Vossa Magestade mandar ver.

APONTAMENTOS.

DIs Vossa Magestade na Instrucção por onde manda ordenar a casa do Tombo, que seraa polla ordem da de Portugal, que quá não ha, he necessario mandar Vossa Magestade que se mande dellaa a Ordem, e Regimento da Torre do Tombo desse Reino.

Que todas as Patentes das fortalezas, todos contratos das náos, e da Pimenta, e todos os mais, todas as Instruções, Listras de despachos, Leys, Detreminações, Aluitres, e toda a couza desta esençia, he necessario mandar Vossa Magestade dellá mesmo que se registem no Tombo de Goa.

Que huma das vias do Alardos das Náos desse Reino que cada anno vem se lancem no Tombo, para alli ficar perpetuamente, porque se se perderem os da Matricula, co-
mo

mo são perdidos os mais delles para alli se acharem perpetuamente.

Alguns inconvenientes cuidão se tratão da parte dos officiaes, Secretario, Escrivão da Chancelaria, Goarda dos Contos, e outros, sobre a entrega dos liuros, e papeis que Vossa Magestade manda goardar nesta caza do Tombo, pollas buscas que leuão as partes, e não parte rezão, que pollo seu particular se perca o serviço de Vossa Magestade, e o bem comum destes seus Estados, pois trata de sua perpetuidade, e acreçentamento, polla pouqua ordem que até agora ouue nestas couzas, pello que são perdidos todos os liuros, e papeis de importancia antigos, polla mudança que cada tres anos se fazem em todos estes cargos, em cuja entrega se perderão todas as couzas passadas, pollo que he necessario mande Vossa Magestade passar Prouizão para se entregarem em todos estes officiais assina todos os liuros que já esti-

uerem findos, e todos os mais pa-
peis pera se depositarem na caza do
Tombo, onde não padecerão os nau-
fragios passados, por cauza das mu-
danças passadas, para ali se acha-
rem perpetuamente sem embargo dos
inconuientes que se apontarem.

Porque em todos os Estados, em
seus Tombos, e Archiuos estão as
Cronicas de suas couzas, pera se
saber o fundamento dellas, he ne-
cessario auellas tambem neste, por
onde deue Vossa Magestade man-
dar, que todos os vollumes das De-
cadas de João de Barros, e de fer-
não lopes de Castanheda, se man-
dem della, para estarem nesta ca-
za do Tombo da India, como cou-
za sua, porque se vão acabando es-
tes vollumes, que na India já os não
ha.

Porque as Certidões, e Instru-
mentos que os homens tirão qua de
seus seruiços, quis Vossa Magesta-
de prouer por vezes pera se evita-
rem desordens, e ofensas de Deos

nos juramentos falços, e Testemu-
nhas. E sempre neçe Reino se ti-
uerão por suspeitozos, e porque não
faltão inda desordens com quanto
se niso proueo, achei para as eui-
tar hum meo muito bom, de que
me pareceo deuia fazer lembrança
a Vossa Magestade, que he este.

Que todos os Capitães Móres
das Armadas leuem com siguo os
Alardos dellas n'um caphenho, e
todos os mezes corra os Nauios com
elle, e os Soldados que faltarlhe
porá verba na margem, e o que
fritam, e matarem na guerra, o
mesmo, com decaração das feridas
que lhe derão. E o Capitão que to-
mar Nauio de ladrões, tambem se
lhe porá a margem, e tanto que a
Armada se recolher, entregar este
Alardo ao Visorrey, para que as-
sine nelle, e mande lançar na caza
do Tombo. E logo os Capitães Mó-
res farão a menuta da certidão do
sucesso da jornada, em que asi-
nará o Visorrey, e se lançará no
mes-

mesmo Tombo com o Alardo ao
 de Capitães dos navios daquela Ar-
 mada, Fidalgos, e Soldados, cada
 vez que lhe fôr necessario, irão
 tirar suas çertidões, que lhe o Goar-
 da do Tombo passará pollo Alar-
 do, assinadas por elle, e depois
 pollo Visorrey, pasadas polla Chan-
 cêlaria, com que fique justificadas
 pera nesse Reino se lhe dar fee com
 o que se evitirão as falsidades das
 çertidões pollos Testemunhos que
 huns Soldados dão por outros, e es-
 cuzarçẽo os estrumentos que o
 je se tirão a falta dos Capitães com
 que andarão, que são mortos, ou
 auzentes, nos quaes os Soldados
 gastão trinta, e corenta cruzados,
 pollo muyto que os Escrivães lhe le-
 uão, e com esta Ordem daquy a
 çento, e a duzentos annos, acha-
 rão os homens n'uma hora çerti-
 dão do Pay, e do Irmão, que lhe
 ferirão, ou matarão na guerra, e a
 veuva do marido, e do filho, sem
 lhe custar mais que a pagua d'uma
 Cer-

certidão, pollo que o Visorrey ordenar.

E o mesmo que se dis das Armadas, se dis das fortalezas onde ouuer guerra, e serco, nas coas os Capitães farão Alardo cada mes pollas estâcias, e pollos Nauios que trouxerem Vigias, e nas margens fará declaração do homem que lhe matarem, ou firirem, as coas declarações todas, ão de ser asinadas na mesma margem pollos Capitães, e depois da guerra acabada, mandará certidão do successo da guerra, com o Alardo asinado pollo Visorrey, se deitarão no Tombo, onde todos os homens que se naquella guerra acharão, irão tirar suas certidões polla maneira asima.

Que mande Vossa Magestade prouer hum Escriuão do Tombo, como em Purtugual, e que seja em homem que tenha partes, e callidades para seruir de goarda, despois se fôr necessario, e que se paguem dous moços Escriuães pera ajudarem,

rem, como ha na Matricola de Goa.

Que se a casa do Tombo se não fizer em parte em que eu não possa pouzar, que se me tomem as cazas da Pouzentadoria perto, e que se paguem da Fazenda de Vossa Magestade, por estar mais á mão, porque ade auer muito trabalho estes primeiros anos, no recolhimento de liuros, e papeis, e em se por isto em ordem, como conuem ao seriuço de Vossa Magestade.

A Relação, Regimentos, Praças das fortificações da India, que fez João Bautista Cairato, Arquitecto Mór que Vossa Magestade mandou á India a iso com o Visorrey D. Duarte, que com sigo leua, sem querer dar a copia, té não apresentar tudo a Vossa Magestade, he necessario, que dellá se torne a mandar para se depositarem na Torre do Tombo de Goa, como em seu proprio lugar Etcæ. de Goa a vinte e nove de Nouembro de 1595.

Dio-

Diogo do Couto.

Junto a este Papel de Diogo de Couto, Guarda Mór da Torre do Tombo do Estado da India, está neste manuscripto o seguinte da mesma Letra, os Sabios ajuizarão de quem seja.

APONTAMENTOS

D A

CIDADE DE GOA

SOBRE A FRANQUIA.

OS Menistros da Fazenda de Vossa Magestade deste Estado (cóm pretexto de augmento dela) inten-
tão

tão algumas nuuidades contra vossos Regimentos , e contra o bem comum , e liberdades desta Cidade , pretendendo tirar-lhe a franquia , que sempre teue , e obrigar os nauios que nella estiuerem a pagar das fazendas que em si tem os direitos que não deuem , o que o Visorrey fauoresse com detrimento graue das preminencias , e liberdades desta Cidade , de que nos queixamos a Vossa Magestade.

E primeiro , como fundamento principal , fazemos saber a Vossa Magestade , que nenhum nauio de vossos Vasallos de qualquer calidade que seja entre nesta Costa da India com fazendas , que delas não pague dereitos a Vossa Magestade , tanto por entrada , como por sayda , quando se não tirão por seus proprios donos.

Que pera estes fica improprio o nome de franquia que esta Cidade todavia tem pera náos , e nauios , que a seu Porto cheguão , porque

como do mesmo nome se entende, franquia, he lugar, que se dá a navios de amigos para em qualquer porto que chegam poderem francamente negociar, refrescar-se, acolher-se, e consertar-se, sem por isso paguarem nenhuns direitos nos ditos portos, e ainda que leuem as fazendas que dentro em sy tem para Reinos estranhos.

E a franquia desta Cidade no modo em que sempre esteve, nunca foi prejudicial aos direitos de Vossa Magestade, nem da nosa, ao de mais, da essencia de vossa fazenda, e como se verá pelas rezões abaixo apontadas.

Esta Cidade no tempo que era de Mouros tinha franquia, e depois que lha ganhámos com dobrada rezão a teue, e devia ter, porque como naquelle principio por rezão das guerras eramos terror das Nações de todo este Oriente, necessario foi para perderem o escandalo que de nós tinham, que na paz achassem

em nossos portos, não somente franquia segura, mas todos os officios de amizade, e unanimidade, que as outras Nações, e ainda que barbaras, sempre costumarão. E assi desde de então teue esta Cidade sempre franquia, aprouada pelos Reys passados de immortal memoria, e em seu Regimento foi sempre favorecida, e Vossa Magestade confirmou o tal Regimento, mandando que todos os nauios que a ella viessem fossem favorecidos, acolhidos, e libertados segundo o uso, costume, e posse desta Cidade, e ate gora não ouue Ordem de Vossa Magestade em contrario, nem causa per a isso.

Es que a franquia não seja prejudicial a vossos direitos, se mostra porque todos os nauios que vem do Sul, e dobrão o Cabo de Comorim que a ella chegam com fazendas, não podem passar della sem os pagarem, saluo se ja os tem paguos em Cochim segundo a ordem, e con-

tra-

trato que Vossa Magestade tem naquella alfandega com El Rey de Cochim, o que as Pessoas que as tais fazendas trazem, verificação com certidões daquella alfandega, e não o verificando paguão nesta Cidade os direitos, e com isto ficão libertos pera poderem levar suas fazendas aos portos dos Reys amigos, e vasallos de Vossa Magestade.

Os outros navios que vem da banda do Norte; Ormuz, Cambaya etc. correm pela mesma ordem, salvo quando vão para Cochim, porquem então têm liberdade para estarem na dita franquiaz, pois na Cidade para onde vão onde paguão seus direitos, conforme o Regimento, e quando não vão pera o dito Cochim, paguão os direitos em Mangalor, ou Barcelon, fortalezas na Costa da Canorá, onde Vossa Magestade tem alfandegas.

Há outras duas sortes de navios que nauégão por esta costa, aos quais se he libertas a dita franquiaz,

huns

huns são os que nauegão com cartases, aós quaes se guarda a fórma delle, ora seja pera não poderem pasar deste porto para cima, ora que posão pasar adiante, e a estes claro está que se lhe não póde impedir a franquia. A outra sorte de nauios he de alguns homens pobres que sahem dos portos, onde Vossa Magestade não tem alfandegas, os quaes tem do costume, e posse poderem tomar a dita franquia com liberdade, pera segundo o expediente das fazendas que trazem, verem se lhe conuem entrar nesta Cidade, ou não, e assy quando sabem que las suas fazendas se podem gastar, entrão dentro, e quando não, as podem leuar a outras partes, ou a portos dos Reys vizinhos, aonde paguão os dereitos costumados.

Nem faz contra voso serviço o que os officiais da fazenda arguem neste caso, dizendo que os tais nauios que assi nauegão, he

me-

melhor que paguem os direitos a
 Vossa Magestade, que não aos Reys
 Mouros! Antes bem olhado este
 fundamento encontra o proueito que
 se pretende da fazenda de Vossa
 Magestade, e he cousa de muitos in-
 conuenientes, especialmente de dous
 muy grandes, e de muita conside-
 ração. O primeiro he que os vasa-
 los de Vossa Magestade, que com
 as tais fazendas nauegão (que com-
 munitamente são pobrissimos) se lhes
 impõem dobrados direitos, pois obri-
 gando-os a pagar aqui huns derei-
 tos, os não desobrigão a pagar ou-
 tros aos Reys, a cujos portos leuão
 as taes fazendas, e assy ficão pa-
 guando direitos dobrados, o que
 ategora nunca se vsou, e fica sen-
 do imposição graue pera pobres,
 por respeito dos quais Vossa Ma-
 gestade até agora quiz que se goar-
 dase neste particular a liberdade da
 franquia, e se lha tirarem póde re-
 sultar, que ou estes pobres deixem
 o commercio, ou vzem d'elle em par-
 te,

te, e de maneira que escuzem pagar direitos dobrados, e se isto succede ficará frustrado o intento desta imposição, e esta Cidade perderá a utilidade de ser cada hora socorrida, e provida por esta sorte de navios.

O outro inconveniente he que impede o commercio, e paz que se tem com os Reis vizinhos, mórmente com o Idalcão, de cujos portos esta Cidade, e quasi todas as deste estado se prouem, e fica bem claro, que permitendo Vossa Magestade que os navios sejam constrangidos a entrar neste porto, e se lhe tire a liberdade de francamente navegar segundo o costume antigo destas partes, que o ha de resentir o Idalcão, e ElRey de Cochim, como priuasão de seus direitos, e commercios, e com este exemplo poderão ordenar outro tanto em seus Reinos com que se perjudique grandemente a fazenda de Vossa Magestade, e vasallos, e não he razão, nem seruiço de Vossa Magestade.

tade que se dê ocasião a isto , e a perder este estado tais amiguos , ou quando menos escandalizalos.

o Nem faz tambem outra rezão que se dá pelos mesmos officiais , que ha moradores , e estantes nesta Cidade , os quais fazem na venda de suas fazendas , e saidas dellas conluios , com os quais perjudicão muito a fazenda de Vossa Magestade , e seus direitos , porque aos tais se pôde dar a pena que o mesmo Regimento por tal culpa ordena , e ainda impôr-lhe outras mayores , quanto mais que se sabe que os mais destes conluios , e subrrutiçios nascem de homens da nação , e de negoçoos , aos quais o Visorrei pôde mandar peta o Reino , porque ainda quer Vossa Magestade os liberte nas cartas destes annos , he porém em quanto não forem prejudiciais a voso serviso , mas tanto que nisso forem comprehendidos , fique-lhes em pena (álem das mais) deitalos o Visorrei logo da India.

E por estes não se tire aos mais Mercadores, e Moradores sua antiga posse, e liberdade, pois á troco deste pequeno favor continuão ategora com seruisos de muito maior importansia, feitos a Vossa Magestade, e dignos não só de os mandar conseruar na dita pose, e liberdade antiga, mas ainda de por elles lhe conceder mayores franquias, e mersês.

Ha outra inouação de dereitos que já forão reprovados de perjudiciais a voso seruiço, e ao bém comum, a qual he que das fazendas que vem da terra firme, paguem dobrados dereitos, o que o Visorrey D. Antonio introduzio, e o Governador Antonio muniz barreto continuou por respeito particular de algumas pessoas conluyosas, as quais não se duuida poderião cometer culpas contra os dereitos de Vossa Magestade; porém parecendo em tudo o mais a tal imposição injusta, e contra a força de voso

Re-

Regimento , desde então ategora se não vsou mais della. Nem ainda em tempo do Visorrey D. Luis de araide , que muito de pensado tratou todas estas materias de dereitos Reais.

Pedimos a Vossa Magestade mande ver estas rezões , e as mais que ha pera se não auer de fazer a esta Cidade (metropoly , e cabeça deste estado) tão grande afronta , como seia tirar-lhe a franquia que sempre teuei , e inda em tempo de mouros , e os inconvinientes que disso podem resultar , que são mais , e maiores do que aqui se aponta. E a mande Vossa Magestade conseruar em sua pose , e liberdade.

empregados em Portugal
 e , de quando e , quando
 mais empregados em posse de
 com docto eia em tempo
 de serviços empregados de outras
 muito maiores mercês por espaço
 de outros annos , e de outros
 ollos com os , e de outros

REQUERIMENTO

Que vem annexo ás Cartas de Diogo
do Couto.

ELREY D. Manoel de gloriosa
memoria, fez mercê, e doação re-
muneratoria á meu Vizauou, e a seus
descendentes pellos notaveis serui-
ços que lhe fez, e á corôa destes
Reynos no descobrimento da India
que pudesse mandar a Vella cada
anno duzentos cruzados, e trazellos
empregados em quaisquer mercado-
rias que quizesse, e estando eu, e
meus antepassados em posse de vzar
desta doação feita em remuneração
de seruiços mercedores de outras
muito maiores mercês, por espaço
de outenta annos, trabalhárão ago-
ra algúas pessoas, não com zello
do

do serviço de sua Magestade, mas por injustos respeitos diminuir, e mudar, e ao menos alterar o vzo, e costume, de que conforme a dita doação sempre se costumou, e vzo, fui sobre isto a Madrida pera dar de mim razão a sua Magestade, e pedir-lhe certa, e declarada forma, e certidões, que as mercadorias que eu mandasse trazer, aquião de ter pera me livrar de inquietações, que estas pessoas tão injustamente me querião dar; pareceu a sua Magestade que era bem limitar-me certo número de quintaes de canella, que eu pudesse fazer trazer da India, mas não se acabou de tomar nisso resolução que eu deuesse accistar sem notavel prejuizo de minha fazenda, e do que conuinha ao serviço de Sua Magestade. Elle me deu huma carta pera vossa Alteza, em que lhe encommendava me desse vista das contas, e orçamento dellas, que neste Reyno se fizerão pera se auiriguar a certeza deste caso,

e que Vossa Alteza mandasse tratar
 este negocio por pessoas assassina-
 das, a que eu pudesse dar informa-
 ção da verdade. agora entendi, que
 não se achauão Contas, mas que
 era V. A. o seruido que eu desse
 apontamentos necessarios pera se is-
 to auiriguar; farei o que V. A. man-
 da nestas particular, e em tudo o
 demais.

Devesse principalmente conside-
 rar quam pouco he o que os offici-
 -aes de sua Magestade procurão de
 acrescentarem sua fazenda com a
 diminuição do número dos quintais
 que sua Magestade ha por bem que
 se me certifiquem; pois tem aten-
 tidada a casa da India, e o aren-
 damento não crece, nem diminue
 pelo augmento, ou diminuição dos
 meus quintais, porque não são de
 aluitres ordinarios; senão de mer-
 cê remuneratória que se resalpa em
 todos os contratos, e dizem os le-
 trados, que esta tal doção, he co-
 mo compra, e venda, porque os

ser-

serviços em direito se reputão como dinheiro de contado, e se algum proveito disto podem interessar os contratadores, seria de mór serviço de sua Magestade ficar na casa do Conde Almirante, que não na dos contratadores, pela grande differença que ha das obrigações que o Conde tem ao serviço de sua Alteza ás que os contratadores podem ter.

Hasse tambem de considerar pela firmeza, e ampliação desta mercê, a doação, a qualidade, e grandeza de quem a fez, e de quem a confirmou, e o merecimento daquelle a quem se fez, e a causa que ouve pera a fazer, porque quem a fez, foi hum dos mais liberaes, e magnanimos Reys que naquelle tempo avia na Christandade, pois a grandeza, e exuberante liberalidade de Sua Magestade, quam grande seja, e foi sempre até com os que o deseruirão, notoria he no mundo; pera o merecimento da

esta pes-

pessoa a quem se fez foy tal, qual
 o mesmo Rey D. Mancel affirma
 no relatorio que faz na carta desta
 doação, e d'outro que diz que lhe
 fez em parte de pago de seus gran-
 des, e notaveis seruiços. A causa
 porque se fez foy a maior, e mais
 urgente que ouue nos Reynos de
 Reys Christãos. Sendo isto assi co-
 mo he, parece, que os que traba-
 lhão por diminuir, e apoquentar
 o effeito desta doação emcorrem na
 indinação que o Imperador Justi-
 niano, diz em suas leys, que o
 Principe, ou Reys deue ter contra
 aquelles, que com astuta, ou absur-
 da interpretação ouzão temerariamen-
 te apoquentar sua liberalidade, e do-
 ação, em não a estender, e augmen-
 tar.

Lembrasse tambem a Vossa Al-
 teza que os dias passados querendo
 Sua Magestade vzar de sua grandeza,
 e liberalidade, estando hñas terras
 da corôa vagas, mandou ver por
 letrados qual dos pretendentes ti-
 nha

nha mais, e melhores razões pera
 se lhe darem as ditas terras, por-
 que em rigor de Justiça, nenhum
 delles a tinha, porque todos são
 transuersais, e não descendentes do
 derradeiro possuidor. Assi é com
 muito maior razão deue Sua Mage-
 stade (vzando de sua magnaminida-
 de, e grandeza) mandar saber qual
 dos números dos quintais tem por
 si mais razões, se o de trezentos,
 se o de cento, e cincoenta, ou se o
 de quatrocentos, para admittir hum
 destes números que melhor razões
 por si tiuer, e digo que com maior
 razão deue sua Magestade fazer is-
 to neste caso que no dos pretenden-
 tes, em que de todo, e per todo,
 não auia justiça pella qual algum
 delles obrigasse a Sua Magestade
 dar-lhe as ditas terras, e neste meu
 caso ha muitas razões de justiça,
 pellas quais, e pello rigor de derei-
 to, deue Sua Magestade fazer-me
 mercê de escolher o maior número
 dos quintais. Assi pellas allegações
 de

de direito, que aqui vão juntas de mui insignes Letrados de muito nome, e authoridade, como por a substancia, e força da doação estar em seu vigor, confirmada pelos Reys seus predecessores, cuja declaração, e ampliação o direito permite, que seja larga, e tal qual conuem á magnificencia de tão grande Rey, e liberalissimo Senhor.

Dizem estes Letrados que tenho direito para poder mandar á India os dozentos cruzados na valia que intrinsecamente tinha cada cruzado douro ao tempo da doação; e por não se laurarem agora estes cruzados, e na valia de cada hum era naquelle tempo de onze reales, e meio que posso agora mandar estes duzentos cruzados em reaes, e que assi o principal, como o que se montar na bondade, e qualidade intrinseca da moeda douro, ou prata posso fazer o emprego na India; dizem mais, que Sua Magestade deue mandar-me satisfazer a perda que
me

me deũ na baixa da moeda d'ouro,
 como se fez neste Reyno na dimi-
 nuição da valia dos patacoes. Ora
 sendo assi parece que deue Sua Ma-
 gestade mandar fazer a conta do nú-
 mero que me quer limitar conside-
 radas todas estas rezões na maneira
 e forma que abaixo declararei.

JUIZO CRITICO

DO EDITOR,

Sobre as presentes Obras.

A Quelles genios raros, que a Pro-
 videncia concede aos mortaes de
 Seculos em Seculos, e se contão por
 unidades, são, como diz hum grande

Portuguez (1), entre as Nações cultas os homens eloquentes, que os Seculos admirão, e como producções raras, quasi unicas applaudem.

Para traça, e norma deste Deos mortal, como diz o Principe da Eloquencia Romana (2), he que escreverão os Platões, os Aristoteles, os Longinos, os Hermogenes, e todos os grandes Rhetoricos do mundo aquellas Regras, que em todos os tempos se hão de considerar, como inalteraveis, e como base firme, e perduravel da sólida Eloquencia. Tão difficil he a posse desta nobre Arte!

Para cabal conhecimento do ponderado, discurrámos por hum pouco. De que dotes da natureza não he preciso se enriqueça o Orador? De que thesouros de erudição, para

(1) Candido Lusitano, Maximas Oratorias.

(2) Cicero em o seu Orador.

poder ostentar a pompa da Eloquencia. Finalmente que qualidades naturaes ; que obriguem a dizer aos homens , o que o grande Filosofo disse , *Gaudeant bene nati*. A experiencia de todos os tempos confirma esta doutrina. Para tudo precisa o homem de genio , porém para a Eloquencia com especialidade. Já Cicero se queixava da falta de homens eloquentes ; apparecem , dizia elle , em todos os tempos sabios , porém homens eloquentes , estes são raros. *Peritos autem multos , eloquentem autem neminem inveni.*

Porém poderão os Sabios objectar , que Platão , e Cicero , quando escreverão os seus Dialogos , não forão com as vistas de se poder formar hum Orador , tal qual elles querião que fosse ; porém que davão estes preceitos , para que quando não podessem chegar ao cume , e emi-nencia da montanha , pelo menos enrostassem as suas fraldas ; mas nós vemos que estes grandes ho-
mens,

mens, apesar dos dotes naturaes, (1) consumião seus preciosos dias, curvados sobre os Gregos, e sobre as Obras dos Sabios dos seus tempos, e não contentes com isto, atee fazião longas Viagens, por se intruirem nos profundos conhecimentos de muitas cousas. De Cicero lemos, que a pezar do seu feliz genio, e da ardua applicação, e trabalhos que tinha no vzo forence, que todos os dias se daua á lição dos bons Poetas, fonte, aonde o Orador sagrado, deue de continuo saber as preciosas aguas da mais nobre eloquencia (2) Neste immenso thesouro, he

(1) Quaes erão os que Cicero achava em Bruto. *Erat autem in Bruto natura admirabilis, exquisita doctrina, et industria singularis.* Cic. de Clar. Orat.

(2) *Plurimum dixit oratori conferre Theophrastus lectionem Poetarum, multique ejus judicium sequentur, neque id immerito. Namque ab his, et in rebus spiritus, et in verbis sublimitas, et in affectibus ornatus omnis, et in personis decor petitur.* Quint. L. x Cap. 1.

he que elle deve fertilizar a sua imaginação, e a sua alma (1) assim o fizeram; não só os mais respeitaveis Genticos, como ainda os que gozão da verdadeira luz da Religião Christã.

Do grande Agostinho ainda lemos (2) que nunca lera o quarto livro da Eneida de Virgilio, sem derramar grande copia de lagrimas. Quem de huma vez quizer conhecer a poderosa alçada desta divina arte, não tem mais do que fazer parallello della com a historia.

Qualquer Historiador, que narresse a guerra de Troia, faria sim huma narração miuda, e circums-tanciada de todos os seus bellicos acontecimentos, mas nada mais faria; o Leitor porém quando lê o segundo livro da Eneida, não póde

dei-

(1) Madama Dacier diz dős que se dão ao Estado da Poesia: pleno se prohit auro.

(2) Sant. Agostinho em o seu Tratado das confissões, assim ingenuamente o confessa.

deixar de enternecer-se á vista das magistraes pinturas, e tocantes quadros, com que este raro Genio enriqueceo o seu poema. Seriamos infinitos, se quizessemos analyzar quanto de nobre, e magestoso se encontra nesta materia, já entre os antigos Gregos, e Latinos, já entre os nossos sabios Portuguezes (1) porém eu não preciso mais do que expôr diante dos olhos esta Oração deste nosso sabio Chronista da India, que a Nação deverá avaliar por hum dos mais nobres monumentos de nossa literatura.

Que elevação de espirito, que juizo delicado, que frase nobre, e expressiua se não encontra nella? Eu deviso quando a leio, ter este gran-

(1) Veja-se na Chronica do Senhor Rey D. João terceiro a pintura que Francisco de Andrade fez do sentimento que causou a toda a Cidade de Goa a triste noticia do Senhor Rey D. Manoel; em Fr. Luiz de Souza a pintura, e descripção da sepultura do Arcebispo, e d'outros muitos.

grande Portuguez , vagado pelas vastas Provincias do Imperio de Eloquencia Grega , e Latina , eu lhe diviso huma alma ensopada na lição dos Demosthenes , dos Ciceros , e dos Hortensios , sciente de tudo que deixarão escripto os Aristoteles , os Longinos , os Demetrios , e os Quintilianos , fontes immortaes , e perennes , onde unicamente se bebe o gosto , e o verdadeiro conhecimento da Eloquencia sólida , rica , e maravilhosa (1). Do Imperio das paixões , com que a nossa alma he continuamente agitada , á maneira das procellosas , e cavadas ondas do Oceano (2) que conhecimentos não tinha elle ? A natureza , como sabia guia dos mysterios do coração humano , o tinha feito perceber , pelo laborioso estudo da Filosofia dos costumes , tudo quanto he preciso

H

sa-

(1) Fenelon Dialog. sobre a Eloq. do Pulpito.

(2) Mr. Gibert. in Rhet.

saber-se para mover , para mitigar os impulsos das paixões. Os Pathos , e Ethos , que todos os grandes rhetoricos do mundo considerão pelo mais difficil desempenho da arte , elle os sabia manejar , como mestre , e por isso dizia Quintiliano , que todo o que compozesse , estribado sempre em os sólidos preceitos da arte , nunca claudicaria. *Ars enim semel percepta , non labitur.*

Que diremos do seu estilo proprio , e natural , que só os grandes Oradores possuem , depois de longos tempos se terem encantado com os frivolos enfeites , e com certas graças pueris ? Como diz Cicero , e divisamos em suas Orações , cotejando as que recitou em idade florida , com as que depois escreveo , quando tinha adquirido huma maior idea de verdadeira Eloquencia : (1) Nos discursos

(1) Isto mesmo confessa Socrates que fazia , pois á medida que hia crescendo em annos , hia deixando a escravidão do numero dos seus periodos.

ços de Demosthenes (1) encontramos provas desta verdade, porque como este grande homem só fallava abrazado do amor da Patria; nada o interessava de pueril, e por isso os seus discursos são cheios de huma pompa nobre, e magistral, os seus pensamentos são grandes, as paixões fortes, e tocantes; fazia-os, não para deleitar os ouvintes, nem para se fazer agradavel, mas porque via que este he que era o verdadeiro modo de bem orar, segundo Plató. ●

Affligia-se S. João Chrysostomo com os applausos que lhe davão quando orava em Constantinopla. Eu bem sei, dizia este eloquente Santo, que os meus ouvintes me tecem continuos elogios, que dizem á boca cheia, que eu sou eloquente, que

H ii

as

(1) Mr. l'Abbé Auger dans l'Academie des scienses, Beles letres, et Art de la Ville de Rouen, ancien Professeur d'eloquence dans la même ville. vers de Demosthene Eloquent.

as minhas vozes, o número dos meus períodos encantão, e sorprendem, porém eu antes quizera a conversação de hum só, do que a turba vã dos seus applausos.

Este, creio, foi sempre o pensamento do nosso Couto, despido de toda a vãgloria, abriu mão de todos os brincos de engenho, que só poderião agradar aos que tivessem huma baixa idea da arte de bem fallar; fornecido das nobres maximas dos antigos, cuidou unicamente de mover, e de inflamar, e de arrebatat os corações dos que o ouvião; traspassado dos interesses da Patria, e da sua gloria, parece qual outro Orador Grego, que tem a Republica no fundo do seu coração. Conhecendo mais, que não pôde aver hum bom Orador, sem que possua a virtude moral, nem que já mais a virtude se persuade, sem a bondade dos costumes, elle os deixou bem ver nas eloquentes apostrofes que dirigio, já ao seu Heroe, já

já á Virgem e Martyr , Santa Cätharina. E na verdade como se poderá persuadir bem a virtude , diz Quintiliano (1) , se o coração existe entorpecido do vicio ? Se as bellezas da Eloquencia existem depositadas no coração virtuoso , que admiraveis effeitos não produz ! por esta causa dizia Cicero (2) *Mostrais diante dos vossos ouvintes , que sois quaes deveis ser* , este he o ponto mais importante da arte Oratoria , deste mesmo sentimento he Platão nos seus Dialogos.

O ornato , de que se serve , he o que julga bastante , e necessario ; deixando o mais á magestade do assumpto , á maneira das mulheres sisudas , nas quaes a falta de enfeites faz realçar mais a sua belleza , já este modo de fallar era de apreço entre os antigos Gregos , e que cha-

(1) Ne studio quidem operis pulcherrimi valere mens , nisi omnibus vitis libera , potest. l. 12. C. 1.

(2) No seu Orador. l. 1. c. 1.

chamauão Aflea , tão recomendado por Quintiliano (1) ao Orador.

A novidade donde resulta o maravilhoso da oração , he indispensavel na Eloquencia, diz o mesmo Quintiliano (2), porque assim como os nossos olhos se encantão com os objectos novos, e admiraveis , assim a nossa alma sente delecte com o não esperado. O assumpto do nosso Chronista , era inteiramente uovo, e capaz de per si causar a attenção de todo o mundo, pois hia a elogiar a intrepidez de hum Heroe, que a pesar do contraposto Oceano, e do rigor de tão varias, e inimigas Nações, poude fazer lo huma navegação de dous annos, e tantos mezes; descobrir as partes do Oriente, vedadas a todas as Nações do Mundo, desde o principio do mesmo Mundo, navegação, que os
an-

(1) In ornata Oratione.

(2) Est enim grata in eloquendo novitas, et commutatio, et magis inopinata delectant. Quintil. L. 3. C. 6.

antigos tinham por impossível, e a que os modernos chamarão louca, e desasisada. Além disto, elle soube adornar, e revestir o assumpto de tão nobre erudição, já comparando-o com Vlysses, e Eneas, já mostrando o quanto os excedera, e a tudo espanta, e arrebatada.

Que diremos da variedade que soube semear no seu discurso? (1) Elle sabia que a mesma natureza seria ingrata aos nossos olhos, se fosse revestida de hum unico objecto, e fornecido desta importante maxima, varia a cada passo o estilo, preceito este que constitue o desempenho das leis da Eloquencia. A'maneira do caudeloso rio, que sendo sempre o mesmo, ora corre socegado por brancas areas, ora arrebatado

(1) *Gaudent enim res varietate, et sicut oculi diversarum aspectu rerum magis detinentur, ita semper animis præstant in quod se velut novum intentant.*
 Quint. Liv. 9. C. 2.

do contra os rochedos, e pontes que encontra, até que finalmente se en-
 tranha no vasto, e espantoso Ocea-
 no. A magestade dos conceitos, os
 pensamentos elevados, as figuras, as-
 sim de palavras, como de pensamen-
 tos, as imagens nobres de que final-
 mente se serve, tudo isto faz persua-
 dir ao leitor, que elle não ignorava o
 que Aristoteles diz a este respeito,
 e o que Longino nos deixou no seu
 admiravel Tratado do sublime. Com-
 para elle o sabio Grego Demosthenes
 a huma tempestade furiosa, cujos
 raios devastão, e destroção tudo
 que encontrão, e Cicero a hum in-
 cendio, que tudo com o seu impê-
 rio devora, e consome; e porque
 não diremos que o nosso Panegy-
 rista he semelhante a hum rio cau-
 daloso, que assim como este engros-
 sado com as aguas do inverno, cor-
 re arrebatado, já arrazando valles,
 já despenhando as mesmas pontes:
 assim elle com abundancia da sua
 elocução, já transporta, já arrebatá

o coração de quem o ouve? A' maneira de Herodoto, humas vezes quando o pede a materia; outras como Tacito, he forte, e valente.

Seriamos infinitos, se quizessemos analyzar todas as bellezas da arte, com que este sabio Portuguez soube enriquecer esta Oração: os sabios, a quem pertence o apreço das obras de espirito, passarão a dar-lhe os louvores devidos, que os meus curtos talentos lhe não sabem dar, e esperamos que a Nação nos agradeça a posse de huma tal pedra preciosa de tantos quilates, e de tanto valor.

Ora sendo esta a analyse das suas bellezas, passaremos a mostrar alguns defeitos do tempo do nosso Panegyrista; pois ninguem ignora que o que he louvavel em hum seculo, he censuravel no outro, e que todas as Nações tem differentes gostos, e genios, e diversos modos de pensar.

Pope he assás apaixonado da
Ilia.

Iliadá, e Odyssea de Homero, e não falta entre os Modernos quem encontre nelle puerilidades, e hyperboles desmedidas. O mesmo succede a Virgilio; porém para que não saiamos das nossas regras, venha o nosso Mestre da lingua, o incomparavel Frey Luiz de Sousa, e quem duvida que ninguem fallando até aqui melhor do que elle a lingua materna, teve igualmente descuidos do seu tempo? (1)

Não agrave authoridade de muitos, e judiciosos Socios da Academia Real da Sciencias, que sobre esta Oração de Diogo do Couto ajuizarão, e lhe encontrarão alguns defeitos, como em primeiro lugar o apostrophe a Santa Catharina, o querer prover o Panegyrysta que quem trabalha nos negocios civis, terá galardão, e morada no Ceo, e outras falhas desta natureza. Tudo o

(1) Vid. juizo sobre as suas obras do
 na Vida de Bento Henrique Susó pag.
 325

prudente Leitor saberá desculpar, olhando para o tempo em que escreveo Diogo de Couto, e reparar que todos daquelles tempos assim pensavão. Camões nas suas Luziadas invocou as Ninfas do Tejo, para que lhe inspirassem, e o ajudassem a contar o famoso descobrimento da India, e as espantosas acções, que os Portuguezes fizeram nestas partes. Em Garcia de Rezende he censuravel o facto da esmeralda, em a Chronica do Infante D. Duarte, a passagem dos figos, e na de ElRey D. Sebastião muitas puerilidades desta natureza, e isto he que o nosso D. Frey Amador Arraes chamou falhas da antiguidade. Sousa finalmente he summamente credulo, e acreditou por milagres muitas cousas que cabião na alçada das leis da natureza (1). Não obstante tudo isto, elle he sem dúvida quem soube fallar a lingua como mestre, e quem teve o

dom

(1) Idem no juizo das suas obras.

dom de eloquente, chorem os sabios a perda de sua Chronica do Senhor Rey D. João terceiro, fadiga bem propria da Real Academia das Sciencias, pois póde muito bem ser que exista em bastante desprezo em algum Cartorio particular.

Tiremos de tudo o dito que não ha obra humana isenta de defeitos, e que onde ha muitas bellezas, de pouca monta são alguns descuidos: já este era o parecer do sabio Venuzino na sua Epistola aos Pisões, hum dos mais preciosos monumentos, que nos ficou da antiguidade Romana.

Verum ubi plura nitent in carmine, non ego par-
cis

Offendar maculis, quas aut incuria fudit,
Aut humana parum cavit natura:

F I M.

C A T A L O G O

DAS

Pessoas que em honra da Nação Portuguesa tem subscrito na Edição destas e outras Obras dos nossos Escriptores , que ainda não tem sido publicadas ,

A

D. Abbade de Belem.

Agostinho Jose Martins Vidigal.

Ayres Pinto de Sousa.

Alexandre Antonio Vandelli.

Anastacio Feliciano de Bastos Teixeira.

Anselmo Magno de Sousa Pinto.

Antonio de Almeida.

Antonio de Azevedo Coutinho.

An-

Antonio Barbosa de Amorim:
 Antonio Cordeiro.
 Antonio da Costa Correa e Sá.
 Antonio de Couto Ribeiro de Abreu.
 O Padre Antonio do Espirito Santo.
 Antonio Feiis Contreiras.
 Antonio Fernandes Rodrigues.
 Antonio Ferreira.
 Antonio Ferreira de Lemos Malheiro Vas.
 Antonio Filippe.
 Antonio Gomes Ribeiro.
 Fr. Antonio de Jesus Maria.
 Antonio Joaquim Figueira.
 Antonio Jose Barbosa da Silva.
 Antonio Jose de Lemos.
 Antonio Jose de Miranda.
 Antonio Jose dos Santos.
 Antonio de Lemos Pereira de Lacerda.
 Antonio Lopes da Cunha.
 Antonio Lourenço Marques.
 Antonio Luiz Cordeiro de Araujo Feio.
 Antonio Luiz Quintella Emaus.
 Antonio Maciotti.

- Antonio Maria.
 Antonio Maria Furtado de Mendonça.
 Antonio Mauricio.
 Antonio Maximiano Dulac.
 Antonio Mendes Franco.
 Fr. Antonio de Menezes.
 Antonio de Paiva Raposo.
 Antonio Pedro de Castro.
 Antonio Pereira Rangel.
 Antonio Pereira dos Santos.
 Antonio Pinheiro.
 Antonio Pires Leal.
 Antonio Rodrigues Viegas.
 Antonio de Sá Braga.
 Fr. Antonio de Santa Tecla.
 Antonio Silverio de Miranda.
 Antonio Thomas da Silva Leitão.
 Antonio Xavier.
 Antonio Xavier de Moraes Teixeira Homem.
 Arcebispo de Evora.
 Armador Mór.
 Augusto Guerrelle.

B

- B** Arão de Manique.
 Barão de Porto Couvo.
 Barão de Quintella.
 Bartholomeo Crottis, Reitor do Col-
 legio de S. Patricio.
 Bartholomeo Jose Nunes Cardoso
 Giraides.
 Belchior da Costa.
 Bento Antunes da Fonceca.
 Bento Jose Pacheco.
 Bento Xavier de Azevedo Coutinho.
 Bernardo Agostinho Borges.
 Bernardo Jose Duarte.
 Bernardo Jose da Silva.
 Fr. Bernardo Maria de Cannecatim.
 Fr. Bernardo de S. Maria.
 Bernardo Miguel de Faria.
 Bernardo Miguel de Oliveira Bor-
 ges.
 Fr. Bernardo de Vasconcellos.
 Bispo do Funchal.
 Bispo Inquisidor.

Bis-

Bispo de Malaca.

Bremeu Ilius.

Brum da Silva.

C Aetano Alberto Alvares da Silva.

Caetano Manoel da Cunha Botelho.

Candido Jose Xavier Dias da Silva.

Carlos Julião.

Conde d'Alva.

Conde da Cunha.

Conde da Ega.

Conde da Louzã, D. Diogo.

Conde de S. Paio.

Conde de Peniche.

Conde de Pevolide.

Conde de Redondo.

Conde da Ribeira Grande.

Conde da Villa Flor.

Consul da Ilha da Madeira.

Cypriano Ribeiro Freire.

Bispo de Malaca.
 D. Brien de Siva.
 Brien de Siva.

David Pinto Moraes Sarmento.
 Desembargador Campos.
 Desembargador Domingos Monte-
 -iro de Albuquerque e Amaral.
 Diogo Jose de Moraes Calado.
 Diogo Jose Martins.
 Fr. Diogo do Rosario.
 D. Diogo de Sousa.
 Domingos Alvares Guera.
 Domingos Cordeiro Briteiros.
 Domingos Felis dos Santos.
 D. Domingos de Sousa Coutinho.
 Domingos Teixeira Marques.
 Domingos Xavier de Andrade.

Eleutherio Vás Ferreira Raposo.
 Epifanio Carlos.
 Esperidião Jose Lisboa.

Es-

Estanisláo Antonio de Mendonça.
 Estevão Rodrigues de Oliveira.

Francisco Antonio de Almeida.

Feliciano José Alvares Ferreira.

Felisberto José.

Fernando José Le Blanc.

D. Fernando de Lima.

Fernando Romão da Costa Maqui-
 nés.

Filippe Carlos.

Filippe Neri.

Filippe Pereira de Araujo e Castro.

Filippe Vas de Carvalho e Sam Payo.

Fortunato Rafael Amado.

Le Franc.

Francisco Alberto Rubim.

Francisco de Alencourt.

D. Francisco de Almeida Mello e
 Castro.

Francisco Antonio Borges.

Francisco Antonio Ciera.

Francisco Antonio da Costa.

Fr. Francisco Antonio Esteves.

- Francisco Antonio Maciel.
 Francisco Antonio Marques Geral-
 des.
 Francisco Antonio Santa Barbara Pi-
 mentel.
 Francisco de Assis.
 Francisco de Borja Gargão Stockler.
 Francisco Caetano Freire de Andra-
 de.
 Francisco Candido da Silva Pope.
 Francisco Elias Rodrigues da Silva.
 Francisco Ignacio Ferreira Nobre.
 Francisco Jeronymo de Brito.
 Francisco Joaquim.
 Francisco Jose de Almeida.
 Francisco Jose da Gama Machado.
 Francisco Jose Marques de Paiva.
 Francisco Isidoro de Andrade Mo-
 ra.
 Francisco Maria de Andrade Corvo.
 Francisco Maria Angeleli.
 Francisco Manoel Calvete.
 Francisco Manoel Gravito.
 Francisco Manoel Pinto de Mesqui-
 ta.
 Fran-

Francisco de Mello, Senhor de Ficalho.

Francisco de Mello Franco.

Francisco de Noronha e Mota.

Fr. Francisco Nunes da Piedade.

Francisco de Paula Cardoso de Almeida Vasconcellos.

Francisco de Paula Leite de Sousa.

Francisco Pereira de Albuquerque Azeredo.

Francisco Rebello.

Francisco de Santa Barbara.

Francisco de Santo Ignacio Carvalho.

Francisco de Sousa Coelho e Sam Payo.

Francisco de Sousa Coutinho.

Francisco Xavier de Montes.

Francisco Xavier Rodrigues de Carvalho.

Francisco Xavier de Vasconcellos.

G

G Aspar Marianni.

G. E. Dose, Cappellão da Legação
de S. Magestade de Dinamarca.

Gregorio Gomes da Silva.

Gregorio Jose Quaresma Franco.

Gregorio de Mendonça Furtado.

G. Scarnich.

Guilherme Francisco de Almeida.

H

H Eitor Pinto.

Henrique Jose Baptista.

Henrique Teixeira de Sam Payo.

Hermano David.

Hermano Jose Brancamp.

I

I Acinto Antonio Nobre Pereira.

Ja-

- Januario Antonio Lopes.
 Ignacio Antonio Ribeiro.
 Ignacio Francisco Ferreira da Mota.
 Ignacio Jose da Silva.
 Jeronymo Alvares de Moura.
 Jeronymo Gonçalves Fróes Calhei-
 ros.
 Jeronymo Jose Baptista Ribeiro.
 Jeronymo Pedegache Sermanha Bran-
 dão.
 João Antonio.
 João Antonio de Almeida.
 João Antonio de Oliveira.
 João Antonio da Silva.
 João Antonio da Silva Pereira Cou-
 tinho.
 João Ayres.
 João Baptista Canal Murta.
 João Baptista Jaquet.
 João Baptista Potier.
 Fr. João do Bom Jesus.
 João Caetano Alvares.
 João Carlos Mourão.
 D. João de Castello Branco.
 João da Costa Borges e Azevedo.
 João Chrysostomo da Silva Valle
 Lobo. João

- João Diogo Stephens.
 João Dowel Mac-Mahon.
 Fr. João Evangelista.
 João Faustino.
 João Ferreira Prego.
 João Gonçalves Marques.
 João Henriques de Paiva.
 João Ignacio da Silva.
 João Ignacio da Silva Leal.
 João Jose Bernardes Madeira.
 João Laureano de Andrade.
 João Laureano Nunes Leger.
 João Lobato Quinteiros.
 João Manoel da Costa Pinto.
 João Manoel Placido de Moraes.
 João Manoel de Pontes.
 João de Mattos e Vasconcellos Bar-
 bosa de Magalhães.
 João Morgan.
 João Pereira Ramos de Azeredo
 Coutinho.
 João Thomas de Carvalho.
 João Vidal da Costa e Sousa.
 Joaquim Bonifacio Valladas.
 Joaquim da Costa.
 Joaquim Fernandes.
- Joa-

Joaquim de Foyos.

Joaquim Guilherme da Costa Posser.

Joaquim Jose Caetano Pereira e Sousa.

Joaquim Jose Cavalcanto de Albuquerque.

Joaquim Jose da Costa Simas.

Joaquim Jose Guião.

Joaquim Jose Mendes e Cunha.

Joaquim Jose Pereira de Carvalho.

Joaquim Jose da Silva.

Joaquim Lopes de Sá Mourão.

Joaquim Machado de Castro.

Joaquim Manoel Constancio.

Joaquim Rafael do Valle.

Fr. Joaquim de Santa Clara.

Fr. Joaquim de Sam Lourenço.

Joaquim Xavier de Mello.

Jose de Abreu Bacellar Chacoto.

Jose Alexandre Cardoso Soeiro.

Jose Alexandre da Silva Castro.

Fr. Jose de Almeida.

Jose Antonio Coelho.

Jose Antonio de Couto.

Jose Antonio Loureiro.

Jo-

Jose Antonio Pereira.
 Jose Antonio Raposo.
 Jose Antonio Ribeiro Soares.
 Jose Antonio Rodrigues Guimarães.
 Jose Antonio Viana.
 Jose Bonifacio de Andrade.
 Jose de Brito.
 Jose Caetano de Paiva Pereira.
 Jose Cardim Mani.
 Jose Claudio.
 Jose Cordeiro de Araujo.
 Jose Felis Venancio.
 Jose Fernandes Gama.
 Jose Foti.
 D. Jose Francisco d'Alencastre.
 Jose Francisco Brancamp.
 Jose Germano Dias.
 Jose Gonçalves Ferreira.
 Jose Henriques de Sousa Lobo.
 Jose Ignacio.
 Jose Joaquim Carneiro de Campos.
 Jose Joaquim de Castro.
 Jose Joaquim da Costa Simas.
 Jose Joaquim de Oliveira Ferreira
 Cunha e Moniz.

Jo-

- Jose Joaquim de Oliveira Villas Boas.
 Jose Joaquim da Silva Leitão.
 Jose Joaquim Vidigal Medeiros.
 Jose Joaquim Xavier Vellasco.
 Jose Justiniano.
 Jose Luiz da Silva.
 Jose Luiz da Silva Fragoso.
 D. Jose Manoel da Camara.
 Jose Maria.
 Jose Maria de Almeida.
 Jose Maria Cardoso Soeiro.
 Jose Maria de SAVEDRA.
 Jose Maria Trener.
 Jose Marques da Silva.
 Jose Matthews Roch.
 Jose Monteiro de Carvalho e Oliveira.
 Jose Pedro de Azevedo Sousa da Camara.
 Jose Pedro de Rates.
 Jose Pedro de Sousa Pereira Leite.
 Jose Pinto de Azeredo.
 Jose Ricardo Godinho Valdes.
 Jose Roberto Vidal da Gama.
 Jose RODRIGUEZ Ribeiro Cesar.
 Jose da Roca.
- Fr.

Fr. Jose de S. Antonio.
 Fr. Jose de S. Catharina.
 Fr. Jose de S. Clara.
 Fr. Jose de S. Narciso e Oliveira.
 Jose de Seabra da Silva.
 Jose Sebastião de Saldanha e Oliveira.
 Jose Silverio do Valle Pinheiro Ferrão.
 Jose Vicente Caldeira do Casal Ribeiro.
 Jose Xavier da Cunha.
 Isidoro de Almeida.
 Isidoro da Encarnação Queirós.
 Jorge Pedro Moller.

L

Lourenço Antonio de Araujo.
 Luca Aitavita.
 Lucas de Seabra.
 Luiz Candido Cordeiro.
 Luiz Dias Pereira.
 Luiz Joaquim Frota e Almeida.
 Luiz Jose.

Luiz

Luiz da Mota Feio.
D. Luiz de Sousa.

M

MAnoel Alvares da Costa Barreto.

Manoel Antonio Falcão.

Manoel Caetano da Silva.

Manoel Caetano de Lima.

Manoel Christovão Mascarenhas Figueiredo.

Manoel Cypriano.

Manoel Cypriano da Silva.

Fr. Manoel Ignacio das Dores.

Manoel de Jesus Tavares.

Fr. Manoel de S. Joaquim Maia.

Manoel Jose da Arriaga.

Manoel Jose de Freitas.

Manoel Jose Sarmiento.

Manoel Jose Saturnino.

Manoel Jose Teixeira.

Manoel Luiz Alvares de Carvalho.

Manoel Luiz de Lemos.

Ma-

Manoel de Macedo Pereira Forjas
 Coutinho.
 Manoel Pedro da Cunha.
 Manoel Pereira de Araujo.
 Manoel Pereira Ramos de Azeredo
 Coutinho.
 Fr. Manoel da Piedade.
 Manoel Pires.
 Manoel Polycarpo da Guerra Qua-
 resma.
 Manoel de Sousa.
 Manoel Thomas da Fonseca.
 Manoel Velho da Silva.
 Marquez de Abrantes.
 Marquez de Anjeja.
 Marquez de Castello Melhor.
 Marquez de Fronteira.
 Marquez de Lavradio.
 Marquez das Minas.
 Marquez de Penalva.
 Marquez de Tancos.
 Marquez de Valença.
 Mathias Azedo.
 Maximo Jose da Cunha.
 D. Miguel Jose da Camara Maldo-
 nado.

Miguel Lourenço Peres.
 D. Miguel Pereira Forjas.
 Miguel Sotaro.
 Monsenhor Lemos.
 Monsenhor Maris.
 Monsenhor Moraes.
 Monsenhor Thorel.
 O Padre Mourão.

N

Nicoláo Clamouse Broone.

Pascal Tchorix.

Fr. Paterno de Pontivy.

Fr. Paulino de S. Jose.

Pedro de Andrade.

Fr. Pedro da Annunciaçáo.

Pedro Betamio.

Pedro Clemente.

Pedro Jose da Silva.

Pedro Luiz Lechem.

D. Pedro Manoel de Menezes.
 Pedro de Mello Brainer.
 Possidonio Jose Mainarte.
 Principal Freire.
 Principal Furtado.
 O Prior do Convento de Penha de
 Franca.
 O Prior Mór de Avis.

R

RAfael Ignacio Pimenta.
 O Reitor Geral dos Conegos Séculars do Evangelhista.
 Ricardo Jose de Matos.
 Ricardo Jose Maniti.
 Ricardo Raymundo Nogueira.
 Romão Ignacio da Silva.
 Romão Jose Nunes.
 Romão Omiel.

S

S Abino Antonio Pereira de Sá, **V**
 Sebastião Jose Xavier Bötelho.
 Sebastião Xavier de Vasconcellos.
 Simão de Cordes.

T

T heodoro Jose Laurentino.
 Theodoro Jose Pinheiro.
 Theodoro Jose da Silva.
 Fr. Thomas de Aquino.
 Thomas de Aquino Simões Penalva.

Thomas Felis Thomazinni.

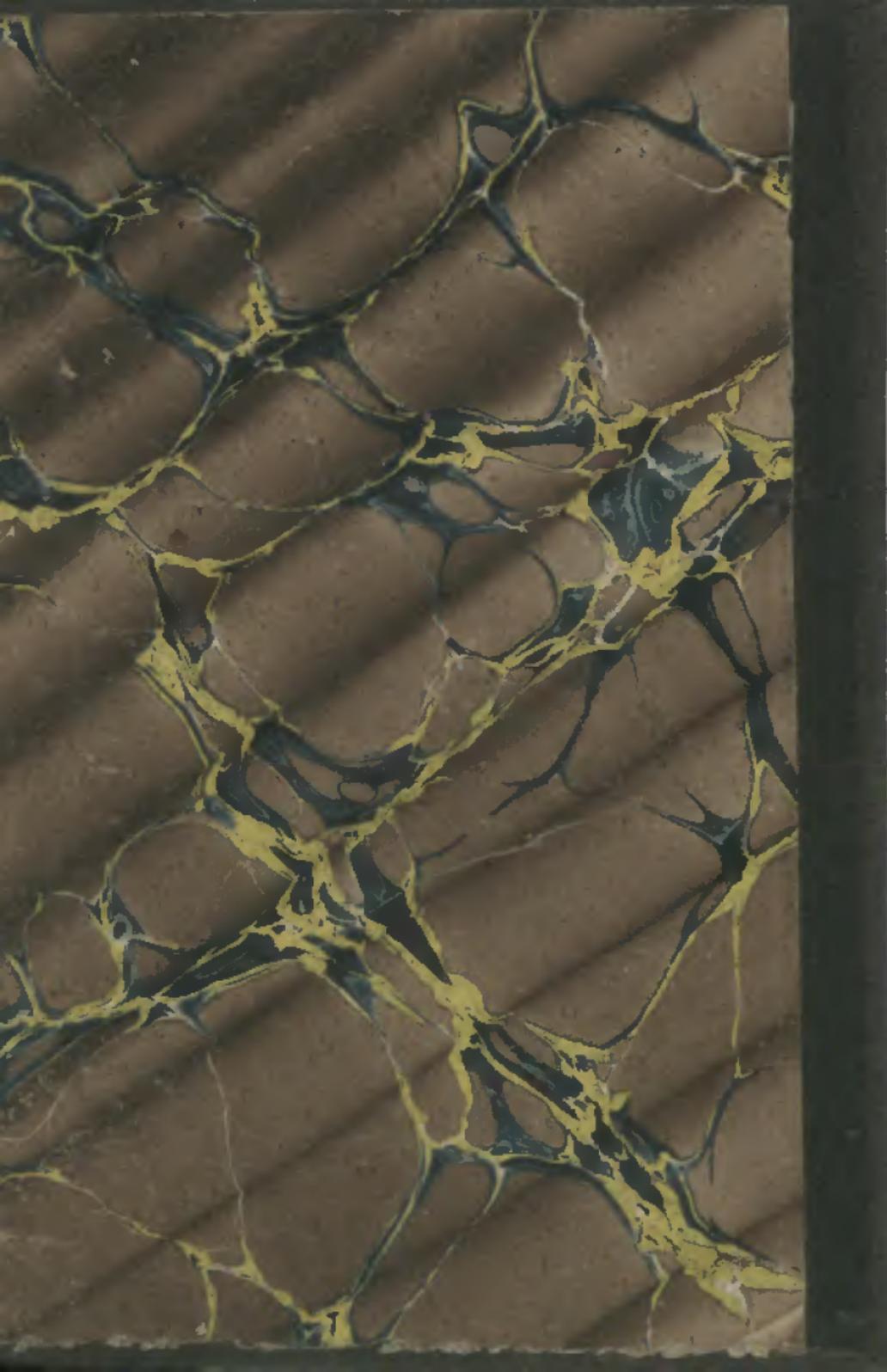
Thomas Joaquim de Campos Limpo
 Figueiredo, e Mello.

Thomas Jose Nepumeceno Ferreira
 da Veiga.

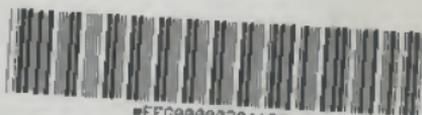
Tiberio Blanc.







NB



•EFG0000079412•

